

Revista

da

Academia Sergipana de Letras

N.º 24
Maio-1974

DIRETOR: SEVERINO UCHÔA

ÍNDICE

ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS — Acadêmicos Efetivos	
Acadêmicos Correspondentes — Diretoria	3
SEVERINO UCHÔA — Revitalização da Academia Sergipana de	
Letras	5
CLODOALDO DE ALENCAR — Discurso de Posse	7
FREIRE RIBEIRO — Saudação a José Silvério Leite Fontes..	19
JOSÉ SILVÉRIO LEITE FONTES — Discurso de Posse.....	33
EMMANUEL FRANCO — Discurso de Posse	51
ANTONIO GARCIA FILHO — Saudação ao Dr. Walter Cardoso	66
CLODOALDO DE ALENCAR — Saudação ao Prof. José Amado	
Nascimento	80

Observação:

A revisão dos discursos, publicados nesta revista, foi feita pelos respectivos autores.

D I R E T O R I A

Presidente	—	Severino Pessoa Uchôa
Vice-Presidente	—	Marcos Ferreira de Jesus
Secretário-Geral	—	João Perez Garcia Moreno
1.º Secretário	—	Jorge de Oliveira Netto
Tesoureiro	—	Emmanuel Franco
Bibliotecário	—	Santo Souza

ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS

CADEIRAS E PATRONOS	ACADEMICOS ANTECESSORES	ACADEMICOS ATUAIS
1 Tobias Barreto	Garcia Rosa	Antônio Garcia Filho
2 Sílvio Romero	Magalhães Carneiro	Felte Bezerra
3 Fausto Cardoso	Cleómenes Campos	Santo Souza
4 Bittencourt Sampaio	José Augusto da Rocha Lima	Emmanuel Franco
5 Ivo do Prado	Dom Antônio Cabral	J. Silvério L. Fontes
6 Gumersindo Bessa	Gilberto Amado	José A. Nascimento
7 Curvelo de Mendonça	Ranulfo Prata	Luiz Pereira de Melo
8 Felisbello Freire	Manoelito Campos	Luiz Magalhães
9 Maximino Maciel	...	Rubens de Figueiredo
10 Lapa Pinto	Artur Fortes	Severino Uchôa
11 Lima Junior	Costa Filho	J. da Silva R. Filho
12 Severiano Cardoso	...	Mons. Carlos Costa
13 Frei Santa Cecília	Clodomir Silva	J. Freire Ribeiro
14 Horácio Hora	Santos Melo	João E. Cajueiro
15 Armindo Guaraná	Helvécio de Andrade	Garcia Moreno
16 Pedro Calazans	Hermes Fontes	Eupero Monteiro
17 Ascendino dos Reis	Oliveira Teles	Mário Cabral
18 Vigário Barroso	D. Mário Vilas Boas	D. Luciano Duarte
19 Pereira Barreto	...	Pires Wynne
20 Coelho e Campos	Alfeu Rosas	Jorge de Oliveira Neto
21 Caldas Junior	J. Mauricio Cardoso	Eunaldo Costa
22 Martinho Garcez	João Passos Cabral	José Augusto Garcez
23 Ciro de Azevedo	Prado Sampaio	Gonçalo R. Leite
24 Pedro Moreira	Júlio Albuquerque	Josué Silva
25 Dias de Barros	Carvalho Neto	M. Cabral Machado
26 Fernandes da Silveira	Florentino Menezes	Luiz C. Fontes Alencar (Inscrito)
27 Manuel Luiz	J. Sebrão Sobrinho	Benedito Cardoso
28 Conselheiro Orlando	Nobre de Lacerda	Osman Hora Fontes (Eleito)
29 Jackson de Figueiredo	Gervásio Prata	Domingos F. de Almeida
30 José Jorge	Abelardo Cardoso	José Olinó de Lima Neto
31 Gomes de Souza	Enock Santiago	Walter Cardoso
32 Oliveira Ribeiro	João Esteves	João Seixas Dórea
33 Oliveira Campos	Filadelfo de Oliveira	Humberto Dantas
34 Aranha Dantas	Édson Ribeiro	Clodoaldo de Alencar
35 José Loureiro
36 Brício Cardoso	Olegário Silva	Acrisio Tôrres Araujo (Inscrito)
37 Joaquim de Oliveira	Hunald Cardoso	Luiz Garcia
38 Guilherme Rabelo	Pedro Machalo	Marcos Ferreira
39 Joaquim Fontes	...	Orlando Dantas (Inscrito)
40 Baltazar Góis	Zózimo Lima	Epifânio Dória
	...	

ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS

ENDEREÇOS DOS ACADÊMICOS RESIDENTES EM ARACAJU

1 Acrísio Tôrres Araujo	Rua José Freire,	580
2 Antônio Garcia Filho	Av. Augusto Maynard,	371
3 Augusto Cesar Leite	Av. Barão de Maroim,	344
4 Clodoaldo de Alencar	Rua Arauá,	458
5 Domingos Fonseca de Almeida	Rua Itaporanga,	29
6 Emmanuel Franco	Av. João Ribeiro,	1584
7 Epifânio Dória	Rua Santa Luzia,	180
8 Eunaldo Costa	Rua Laranjeiras,	659
9 Gonçalo Rollemberg Leite	Rua Campos,	121
10 João Evangelista Cajueiro	Av. Augusto Maynard,	458
11 João Freire Ribeiro	Rua Santa Luzia,	575
12 João Perez Garcia Moreno	Praça Olimpico Campos,	98
13 J. Pires Wynne	Rua São Cristovão,	548
14 Jorge de Oliveira Neto	Rua Lagarto,	774
15 José Amado Nascimento	Rua Itabaiana,	832
16 José Augusto Garcez	Rua Estancia,	542
17 José Olino de Lima Neto	Rua Zaqueu Brandão,	542
18 José Santo Souza	Rua Rio Grande do Sul,	456
19 José da Silva Ribeiro Filho	Rua Dom Bosco,	696
20 José Silvério Leite Fontes	Rua Santa Luzia,	539
21 Luciano José Cabral Duarte	Rua Santo Amaro,	285
22 Luiz Carlos Fontes de Alencar	Rua Construtor João Alves,	60
23 Luiz Magalhães	Rua Santa Luzia,	50
24 Luiz Pereira de Melo	Rua Arauá,	440
25 Manoel Cabral Machado	Rua Senador Rollemberg,	171
26 Marcos Ferreira de Jesus	Praça Tobias Barreto,	132
27 Orlando Dantas	Av. Ivo do Prado,	226
28 Severino Pessoa Uchôa	Rua Maroim,	536
29 Walter Cardoso	Rua Itabaiana,	961

RELAÇÃO DOS MEMBROS DA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS

RESIDENTES EM OUTROS ESTADOS

Benedito Cardoso	Rua Manuel Barreto, 7 Ap. 402 Salvador — Ba.
Carlos Camélio Costa	Rua Prof. Hernani de Melo, 26 Niteroi — RJ.
Exupero Monteiro	Rua Prof. Manuel de Abreu, 246 — 405 — Vila Isabel — Rio de Ja- neiro.
Felte Bezerra	Praia do Flamengo, 28 — GB.
Humberto Dantas	Ladeira Tabajaras, 20 — Ap. 702 Copacabana — Rio de Janeiro — GB.
João Seixas Dórea	Rua Domingos Ferreira, 81 Copacabana — Rio de Janeiro — GB.
Josué Silva	Av. Santos Pacheco, 174 Hació — AL.
Luiz Garcia	Rua Hilário Gouveia, 103 — Ap. 801 Copacabana — Rio de Janeiro — GB.
Mário Cabral	Rua Airosa Galvão, 7 — Ap. 302 Salvador — BA.
Rubens Figueiredo	Rua Rockefeller, 4 — Barris Salvador — BA.

REVITALIZAÇÃO DA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS

SEVERINO UCHÔA
Presidente

Depois de permanecer, durante quatro anos, sem condições para publicar esta revista, a Academia Sergipana de Letras conseguiu recursos para editá-la, graças a cooperação do Governador Paulo Barreto de Menezes e financiamento da Prefeitura Municipal de Aracaju.

Para facilitar o equilíbrio entre as despesas gráficas e a subvenção que o Prefeito Cleovansóstenes Peréira de Aguiar pode nos conceder, tivemos que dividir a matéria acumulada durante o mencionado período, publicando, neste exemplar, seis dos doze discursos arquivados em nossa Secretaria.

No próximo número do nosso órgão noticioso, publicaremos as orações pronunciadas pelos Demóstenes desta agremiação literária, mantendo a ordem cronológica, para evitar favorecimentos.

O Governador Sergipano e o Prefeito de Aracaju, ficaram surpreendidos ao tomar conhecimento das insignificantes dotações, constantes dos orçamentos oficiais, em favor da nossa instituição cultural.

Perante uma comissão de acadêmicos que expôs a precária situação deste sodalício, o Governador do Estado assegurou-nos um reajustamento financeiro capaz de garantir a sobrevivência da Academia.

Uma demonstração insofismável do apreço governamental pela entidade que congrega os beletistas sergipanos, é a doação de um prédio para a instalação condigna do silogeu que surgiu na mansão de Garcia Rosa, localizada na colina de Santo Antônio.

Essa providência eliminará o constrangimento de realizar as nossas sessões em salas e auditórios de sociedades que nem sempre podem nos acolher nos dias e horas fixados para as nossas reuniões.

Na expectativa de que, no próximo ano, a Academia Sergipana de Letras tenha casa própria para receber os representantes da cultura brasileira, que visitam Sergipe, registramos aqui, os nossos antecipados agradecimentos as autoridades que reverenciam os sacerdotes da Poesia e da Eloquência.

**DISCURSO DO ACADÊMICO CLODOALDO DE
ALENCAR AO TOMAR POSSE DA CADEIRA
N.º 34 DA ACADEMIA SERGIPANA DE
LETRAS, EM 3 DE DEZEMBRO DE 1957**

Senhores acadêmicos:

Não tenho a menor dúvida de que é arrimado ao bordão de vossa benevolência que penetro os umbrais desta Casa, trazendo a tiracolo, como velho correio medieval, o envoltório dos pergaminhos do Passado, que a vossa magnanimidade pretende transformar na Coroa de Louros do Presente. Venho de longe, um tanto vagaroso, sem as Botas-de-Sete Leguas que a perene juventude de **Viriato Correia** admitiu calçadas por **Josué Montelo**. À soleira de vossa porta, não há mistér, senão por pragmática, de sacudir a poeira das alpercatas já quase deformadas pelas urzes do caminho. Na longa viagem, me não foi possível aceitar as advertências dos mandacarus, xiquexiques e palmatórias, sentinelas avançadas da região percorrenda e que, estiladamente, como a significar o advento de uma arte nova, rendilham e caracterizam os **taboleiros** nordestinos. Desnecessário dizer-vos que não pude fugir à serie de complexos, oriundos de observações e sofrimentos colhidos durante a caminhada, mas felizmente amenizados pelo próprio sentido estético que, às vezes, chega a suprir a fôrma de certos caracteres. “**Penei, mas aqui cheguei!**”, no dizer de **Luiz Gonzaga**, o maior intérprete da alma sertaneja do Nordeste, dantescamente torturada no polígono das secas. À maneira de árvore desplantada pela fúria dos ventos ou redemoinhos, mas cuidadosa-

mente replantada fora da terra primitiva, eis-me vitorioso entre vós, senhores acadêmicos, que representais, num símbolo perfeito, pela vossa grandeza e utilidade, os jequitibás da inteligência, do talento e da cultura sergipanas!

Mas, senhores acadêmicos, que fiz eu de extraordinário no literaturear, para equivaler-me a vós, assumindo proporções de novo Atlas, vindo sustentar convosco este magnífico templo da Arte, amortecedora dos impactos da Vida? Porventura, ao publicar "O Homem Novo", em 1928, acordei condutores de povos? Por acaso, ao publicar, em 1932, "A Humanidade Nova", tracei novos rumos à coletividade sofredora? Será que, também àquela época, publicando "A Canção do Cristianismo", concorri para o retardamento providencial da marcha do materialismo nas civilizações cristãs? Dar-se-á que, cantando, em 1930, "Os Missionários", consegui estimular os pregadores na árdua tarefa apostolar? Será que, forjando "A Pérola", na velha oficina parnasiana, consegui dar-lhe grau de perfeição? Porventura, conclamando, em "Confraternização", em 1933, as nações a se socorrerem, "nas horas caniculares das grandes crises", na expressão ruybarboseana, inspirei a criação de qualquer instituição internacional capaz de cristianizar civilizações? Não! absolutamente não! Os meus poemas não seriam capazes de gerar tais situações, e, quando o fossem, jamais o teriam conseguido, à mingua de publicidade ampla. O fato do seu enfeixamento em volume, que intitulei de "Archotés", também não o justificaria, pois a edição foi reduzidíssima. De maneira que, a equi-polência que me atribuis, de vosso par, nestas gloriosas alturas, mais se originam de traição do vosso subconsciente inspirado no fenômeno da simpatia pessoal do que nos meus reais merecimentos literários.

De qualquer forma, porém, aqui estou ao vosso lado, grato ao vosso estímulo e à demonstração de tão alto apreço.

O meu ingresso neste encantador sodalício, em cuja ilustre galeria figurarei ad immortalitatem, não é tardio, porque, como eterno e leal consumidor do Ópio das Ilusões, vejo que, somente ao crepúsculo, é que as árvores se doiram na paisagem...

Nada obstante a circunstância de se tratar de investidura na Academia de Letras do menor Estado da Federação, — confesso estar sentindo, neste momento, aquela esplendorosa emoção com que SANTOS CHOCANO, o maravilhoso aedo de "La Cruz del Sur", rece-

beu a informação oficial de que as três Américas decidiram oferecer-lhe uma Coroa de Louros, cujos efeitos morais, sem prejuízo das indiscutíveis glórias de **RUBÉN DARIO**, cobririam de justo orgulho a pátria do imortal poeta peruano. É que, embora sob aspecto diferente, no que tange ao valor singular do vate ilustre e a extensão geográfica da entidade homenageante, opera-se o mesmo fenômeno, aferível pela fisio-psicologia das emoções, com repercussão na vida pública estatal, no que se relaciona com a minha entrada neste egrégio Panteon, onde, cearense de nascimento, recebo, simbolicamente, como prêmio ao coração sonhador, os laureis da gleba sergipana, através da sua conceituada **ACADEMIA DE LETRAS**. Dai concluir-se, também, ser a instituição a que, nesta data, me incorporo, por seu liberalismo indiscutível, fator preponderante de unidade nacional. Nascido no Estado do Ceará, integro-me, assim, no Estado de Sergipe, em que já me entrozara pela constituição de família numerosa e pela aquisição de grandes amizades. Ademais, ninguém será capaz de negar que o meu querido Sergipe, o vosso estremecido Sergipe, é uma fraçãozinha de luz doirando o mapa de todo o continente americano. Personalizando, estudando-se este glorioso Estado, atentar-se-á que ele possui as características do Gênio: — **tem mais espírito do que matéria**. A sua influência na organização da nacionalidade, em todos os ramos da atividade humana, constata-se na razão inversa da sua extensão territorial. Tomadas as devidas proporções, Sergipe se agiganta no concerto federativo, em todas as direções da marcha progressiva nacional.

Quanto à minha formação literária, nasceu ela como nascem as plantas, que se aprumam à luz solar e se borrifam do orvalho da noite. Nunca versejei senão com a intenção de emoldurar ou reto-car o grosseiro mural da Existência, onde, quase sempre, surdem, como fantasmas pintados à Portinari, os coloridos fatos que a compõem. De escolas poéticas jamais cogitei, senão depois que os críticos me comunicaram que eu era simbolista néo-parnasiano. Resolvi, então conhecer, de perto, **HEREDIA**, através das magníficas produções de “**Les Trophées**”; **LECONTE DE LISLE** e **ALBERT DE SAMAIN** como ele realmente me deslumbraram. Na poesia brasileira, extasiei-me, e ainda me extasio, diante dos poemas inspiradíssimos de **BILAC**, **HERMES FONTES**, **CASTRO ALVES**, **MOACYR DE ALMEIDA** e **JOSÉ**

SAMPAIO, estes dois últimos meus amigos íntimos, cuja luminosa trajectória de perto acompanhei, convindo ressaltar que **JOSÉ SAMPAIO** nasceu em Sergipe.

Na prosa portuguesa, **ALEXANDRE HERCULANO** e **EÇA DE QUEIROZ** me bastaram à maior volúpia intelectual, como geniais romancistas de todos os tempos, verdadeiros êmulos de **FLAUBERT**. Na prosa brasileira, **RUY BARBOSA** e **RAUL POMPEIA**, qual a qual no seu ramo, convenceram-me da existência da perfeição de mão-de-obra literária, e, a meu ver, chegaram mesmo a atingir aquele epos de que o último nos fala no seu estupendo livro "O ATHENEU", em que, como já o disse o primeiro, de referência a **THOMAS CARLYLE**, em "Cartas de Inglaterra, — a pena assume propriedades de pincel.

Sempre admirei e admiro sinceramente a poética filigranada, marca punhos-de-renda, do "TOI ET MOI", de **PAUL GÉRALDY**, o mais delicado poeta francês do último trintênio, nunca lhe tentando o estilo por questão temperamental, isto é: por mo impedir o dinamismo espiritual inato; e, quando quero segredar aos ouvidos da mulher amada algo de realmente humano, faço-o balbuciando as mais lindas trovas de **ADELMAR TAVARES** e **FRANCISCO DE MATTOS**, salvo se lhe preferir sintonizar o espírito com os mais populares poemas de **OLEGÁRIO MARIANO**. Não nego, porém, que a obra séria de **EMILE VERHAEREN**, especialmente os poemas de "LES VILLES TENTACULAIRES", o melhor de sua poesia, me impressionou profundamente, e ainda me impressiona, pela originalidade do cantor trepidante e perfeitamente proporcional ao tumulto do século em que vivemos. Nele, a eloquência corre parelhas com a tetralogia wagneriana e as metáforas saltam como fagulhas doiradas, do esmeril secreto da Estesia. E, em suma, extasisei-me ante "A Cidade de Ouro", de **Murillo Araujo**, poeta mineiro, de justo renome nacional.

Para mim, cujo sistema nervoso, por hipersensibilidade, não toleraria um mundo sem Arte, as Academias de Letras devem ser dinâmicas, entusiásticas e vitalizadoras do ambiente artístico circunstante, reagindo contra as tentativas de desmoralização dos vários ramos de Arte e, muito especialmente, contra a deturpação do idioma pátrio, sem que essa exigência vá ao ponto de subtrair ao escritor o direito de outorgar aos personagens da obra o linguajar das massas, nas

regiões em que as cenas se realizam. Creio, mesmo, que, sendo elas, como o são, eminentes órgãos culturais, considerados de utilidade pública, devem, por todos os meios de publicidade, cavalheirescamnte intervir no sentido de evitar que as próprias pessoas de direito público, ou seja: — a União, o Estado e o Município persistam na autoria de verdadeiras contravenções vernaculares.

Pensando de tal maneira, sem contudo pretender, nem de leve, ofuscar o fulgor dos vários setores de arte nova, como evolução ou reflexo da angústia universal é que ora me encontro entre vós, senhores acadêmicos, para ocupar a Cadeira n.º 34, de que é patrono o eminente brasileiro **Conselheiro Manoel Ladisláo Aranha Dantas**. Para vos esclarecer ou fazer lembrados, meus senhores e minhas senhoras, sobre tão conspícua individualidade compatricia, basta dizer que o seu maior cronista foi **Alexandre Herculano**, nos seus “**Apontamentos Biográficos de Varões Ilustres**”, publicados em 1881 e desenvolvidos pelo distinto profissional Dr. Joaquim dos Remédios Monteiro, de pags. 519 a 521, da “União médica”, do Rio de Janeiro, em 8 de setembro daquele ano.

O **Conselheiro Manoel Ladisláo Aranha Dantas**, filho de Polycarpo José de Santa Rita e D. Maria Rosa Aranha Dantas, nasceu em São Cristóvão, deste Estado de Sergipe, em 17 de junho de 1810 e faleceu na Capital do Estado da Bahia em 4 de novembro de 1875. Portador de conhecimentos adquiridos na cidade natal, rumou à Bahia, no início do ano de 1827, matriculando-se, nesse mesmo ano, na Escola Médico-Cirúrgica, onde se diplomou em 6 de dezembro de 1832.

A 26 de março do ano seguinte, foi promovido, mediante concurso, na Cadeira de Filosofia de São Cristóvão, onde já havia ocupado interinamente a de latim, antes de 1827. Lente substituto da secção cirúrgica da Escola de Medicina da Bahia, por Decreto de 6 de agosto de 1833, recebeu o gráu de Doutor a 7 de novembro de 1835, em cumprimento da Resolução da Assembléia Geral Legislativa, de 18 de setembro de 1834, que mandou conferi-lo aos lentes que ainda não gozassem desse título. Julgado pelo júri médico da Faculdade o mais habilitado para lente catedrático de Patologia Externa, foi nessa Cadeira promovido por Decreto de 30 de maio de 1837, tendo se jubulado a pedido, por Decreto de 8 de novembro de 1873, após quarenta anos de magistério. No ano de 1886, já em avançada idade, não re-

ceiando perigos nem os rudes trabalhos da guerra, partiu para o Paraguai, naufragando em viagem, na praia de Santa Rosa, na República Oriental do Uruguai. Designado primeiramente para servir nos hospitais militares de Montividé e Corrientes, foi nomeado, depois dos combates de Curuzu e Curupaiti, primeiro médico do hospital brasileiro naquela cidade, de onde, por dissabores ocasionados pelo Comando militar brasileiro, ali estacionado, regressou ao Brasil, chegando à então cidade da Bahia em 11 de novembro desse mesmo ano. Durante o tempo em que ocupou a Cadeira de lente, também exerceu os cargos de cirurgião-ajudante da Guarda Municipal Permanente da Bahia, membro do Conselho do Governo de Sergipe, membro do Conselho de Instrução Pública e Presidente Interino da Comissão de Higiene da Bahia. Foi sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, efetivo do antigo Instituto Histórico da Bahia e honorário da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro. O Governo Imperial, em seus atos de munificência, muitas vezes o contemplou entre os que se tornaram dignos de honras e distinções. Agraciado, em 1849, com o oficialato da "Ordem da Rosa" e, em 1858, com o Hábito de Cristo, pelos serviços prestados durante a epidemia do cholera-morbus, foi-lhe, ainda, conferido, por Decreto de 30 de novembro desse último ano, o título de Conselheiro de Sua Magestade o Imperador. Em 1860, recebeu a Comenda da Rosa, pela brilhante preleção feita na presença de D. Pedro II, quando em visita à Província da Bahia, em outubro de 1859, e, por Decreto de 21 de maio de 1874, a Comenda da Ordem de N. S. Jesus Cristo, em atenção aos relevantes serviços no exercício do Magistério.

Orador, conferencista, publicista de prol, cujos trabalhos na sua quase totalidade se relacionam com a Medicina, em que invulgarmente pontificou, empolgando o Império e, com a embalagem do valor pessoal, projetando-se para a História, — o Conselheiro Aranha Dantas registrou os seus conhecimentos técnicos não apenas na Tese sobre "As Feridas Envenenadas", apresentada e sustentada por ocasião do concurso para a Cadeira de "Patologia Externa" — (edição baiana, de 1837) —, em que foi seu competidor o seu distinto colega Dr. Francisco Sabino Alvares da Rocha Vieira, célebre chefe da Revolução de 7 de novembro desse ano e vulgarmente conhecida pela denominação de "A Sabinada", — mas também em vários jornais e

revistas; e foi colhido pela morte quando preparava a 2.^a edição do seu compêndio — “Curso de Patologia Externa”. Foi utilíssimo ao Trabalho, à Nação, à Humanidade. Dai Herculano, que não queimava incenso a falsos deuses e, com a sua inconoclastia, parecia desacreditar na existência dos Reis Magos, — haver-lhe feito a biografia circunstanciadamente, colocando-lhe a personalidade inconfundível entre as dos varões mais ilustres da época e cujos extraordinários passos nas terras brasileiras ressoavam, para registro histórico, aos ouvidos da própria Corte Portuguesa...

Quanto ao meu antecessor na supramencionada Cadeira n.^o 34, o saudoso e exímio confrade **OLEGARIO ANANIAS DA COSTA E SILVA**, cujos escritos (prosa ou verso) subfirmava sempre com a abreviatura **OLEGARIO SILVA**, sabe Deus com que emoção lhe recordo o cavalheirismo dos gestos, a profundidade dos ensinamentos, a simplicidade na exposição das ideias que sinceramente abraçava! Vem ele da Velha-Guarda integrante do casulo embrionário desta Academia, — a “HORA LITERÁRIA”, cujo fundador e animador foi o digno sergipano **José da Silva Ribeiro**, cujo amor pelas belas-letas ora se desdobra na pessoa do seu ilustre filho **Dr. José da Silva Ribeiro Filho**, confrade dos mais dignos neste garimpo de beleza artística. O auge de sua vida literária teve-a ele no sul do país, ao lado do conceituado pensador patricio Jackson de Figueiredo, seu primo e amigo, cuja estrada filosófico-religiosa palmilhou até o dia 22 de abril do corrente ano, quando se lhe operou o transporte para o outro lado da Existência. Em **OLEGARIO SILVA** a nota preponderante era o sentido cristão que procurava imprimir, com êxito, nos atos que praticava dentro da sociedade em que vivia. Bom cronista, colaborador de várias revistas e jornais até as vésperas de adoecer — (**Olegário** permaneceu enfermo durante longo tempo) —, para nós a sua qualidade de poeta lírico o superou naquela faceta. Muitas são as boas produções que lhe firmaram o nome no coração dos românticos. Há uma, porém, que foi a mais apreciada por estes, chegando, mesmo, a popularizar-se em todos os Estados do norte e nordeste do país. Não havia album em que ela não figurasse em primeiro plano, nem mancebo que não a balbuciasse à concha do ouvido da criatura amada. Parece haver sido feita de teias de luar ou tecida de fios de ouro, em estilo manuelino, de lavor impecável. Trata-se de um soneto.

Ouvi-o:

— “É mesmo assim: — um riso, uma pilhéria,
uma troca de olhares descuidosa,
uma palavra muita vez aérea,
qualquer futilidade graciosa,

torna-se, às vezes, numa coisa séria,
o peito nos invade caprichosa,
e domina e cativa, qual etérea,
sutil, estranha força milagrosa.

O nosso amor nasceu assim, querida,
entre gracejos, sorrateiramente,
de uma simples palestra distraída...

E eu, que julgava o coração dormente,
e nem pensava em mais amar na vida,
se hoje inda vivo é deste amor somente.

OLEGARIO era casado com D. Maria Amalia Zickler da Silva, a musa que lhe inspirou versos que tais, nos belos dias, e se desdobrou através de filhos que lhe choram a perda honrando-lhe a memória.

Meus senhores e minhas senhoras: para vós, pessoalmente, esta solenidade, que atinge ao seu apogeu, possivelmente vai às mil maravilhas, comumente se diz; para mim, porém, no que individualmente me toca, algo está acontecendo de anormal, como se num brilhante de primeira água encontrando estivesse eu um “defeito” inespérado: — é a falta da pessoa física de Graccho Cardoso, nesta reunião histórica, para assistir, orgulhoso e satisfeito, a minha posse, no cênaculo maior da sua terra-berço. E por que, meus distintos compatriotas, tão estranho disparate dos lábios do novo acadêmico envaidecido? É que ele era o meu guia, o meu maior amigo, mesmo quando me advertia dos excessos de boemia noturna na doce fase de minha adolescência. Ele era para mim, ainda quando, às vezes, à distância, na DIVINA COMÉDIA sem paraíso, deste planeta de tantas provações

o Mestre virgiliano que me mostrava e explicava os quadros da Verdade, na exegese incontroversa dos homens e das coisas.

Felizes os que têm a virtude de ver além do mundo material e podem, portanto, em momentos como este, constatar, de maneira irretorquível, a "presença" das pessoas que lhes são caras. É o meu caso: — eu sinto a presença espiritual de **GRACCHO CARDOSO** neste recinto.

Ameniza-me, todavia, a angústia de não ver fisicamente o meu maior amigo neste salão a circunstância de ser recebido e saudado, nesta Casa de Luzes Multicores, pelo dileto irmão daquele meu inesquecível protetor, cujos conselhos me serviram de diretrizes no caminho da Vida, — o conspícuo acadêmico **DESEMBARGADOR HUNALD CARDOSO**, que veio substituí-lo no imo do meu coração. O colorido e a eloquência da sua oração, postas de lado as impressões lisonjeiras à minha humilde pessoa, que peço permissão para aceitar apenas como estímulo, e do fundo da alma penhoradamente agradeço, — não me surpreenderão, nem a vós tão pouco, dado o gráu da cultura, da inteligência, do talento e da sensibilidade estética, renomados tanto dentro quanto fora de Sergipe, e de que é portador tão exímio cultor do Direito, do qual, entre nós, é o máximo expoente. Desta maneira se me resolve, pois, em parte, o impasse sentimental arguido, ao tempo em que, em aditamento ao protocolo acadêmico, solicito do eminente homem público cópia autenticada do seu escândido discurso a ser proferido, para o fim de comigo guardá-lo, qual pergaminho histórico e afetivo.

Muito acertadamente andou o saudoso brasileiro **GRACCHO CARDOSO**, quando, no Governo deste Estado, em 4 de agosto de 1923, baixou a seguinte papeleta de serviço, publicada no "Diário Oficial" do dia seguinte: —

"Sr. Dr. Hunald Cardoso: — Bem deveis compreender que somente um caso de força maior poderia determinar o vosso definitivo afastamento das elevadas e árduas funções cometidas aos vossos enérgicos talentos e cuidados, no início de minha modesta administração.

Sabeis perfeitamente quanto escrupulizei, por questão de princípios, em apelar para uma colaboração que eu tinha certeza de inestimável valor, e, agora, que me vejo ela fugir, dou à minha boa fortuna os parabens em me ter desprendido dessa hesitação em momento oportuno.

Obrigado a utilizar-me da fidelidade de vossos préstimos, do bem acordado zelo do vosso caráter e amor à causa pública, em cargo diverso, sem dúvida carecedor, em mais súbido grau, de prudente discreção, atilada capacidade e inteligência sincera dos homens e das coisas, em suma de infatigável diligência e acurada acuidade, no que concerne à defesa dos ponderáveis interesses do Governo e do povo sergipanos, ligados à nova instituição bancária que se inaugura, — é com indizível mágoa que me privo do concurso dos vossos brilhantes serviços na Secretaria Geral do Estado, aos quais, estou certo, deve o meu Governo uma boa parte do seu melhor renome.

Os laços de consanguinidade que nos prendem, Sr. Dr. Hunald Cardoso, quando os do coração não fossem por ventura mais fortes e inquebrantáveis, de modo algum tolhem a gratidão indelével do administrador fazer-vos a justiça que está na consciência de todos.

Aracaju, 4 de agosto de 1923.

(a.) GRACCHO CARDOSO".

Esta papeleta foi baixada quando da nomeação do distinto orador que me sucederá, para o cargo de Diretor Fiscal do Banco Federal Brasileiro, e de sua exoneração do cargo de Secretário Geral do Estado

E, em confiança a diversos amigos, o DR. GRACCHO CARDOSO — (cujo nome completo é MAURÍCIO GRACCHO CARDOSO) —, sentindo a falta que lhe fizera, à frente da Secretaria Geral, o

seu irmão o filho pelo coração, dizia que o ato menos acertado do Governo fora o de ter-se privado da colaboração do **DR. HUNALD** naquele posto de imediata confiança.

Como vedes, meus senhores e minhas senhoras, muito me honra e desvanece a escolha de tão eminente confrade para, recebendo-me, saudar-me em nome do sodalício.

Indagar-me-eis, agora: — “Por que tanto alvoroço, tanta alegria, tão longo e derramado discurso este do novo acadêmico, se ele apenas está se empossando na **ACADEMIA DE LETRAS** do menor Estado da Federação?” E eu vos responderei: — Neste momento em que me emposso na **Academia Sergipana de Letras**, faço-o com a mesma emoção, com a mesma volúpia intelectual de quem está tomando posse na **ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS**. Sabeis por que? Porque Sergipe doou gratuitamente ao mundo o espírito imortal de **Tobias Barreto**; porque Sergipe concorreu para a formação da nacionalidade, através de **João Ribeiro** e **Maximino Maciel**, ensinando ao Brasil “o conjunto das regras segundo as quais se fala e escreve corretamente a língua”; porque Sergipe, completando essa formação, jogou da sua plataforma, para conhecimento das nações do Globo, a “**História da Literatura Brasileira**”, precisa e primorosamente escrita por **Sylvio Romero**; porque Sergipe, sob o comando de **Avelino de Medeiros Chaves**, ajudou na defesa do Território do Acre, no combate aos bolivianos invasores daquela faixa de terra brasileira; porque Sergipe, por intermédio de **GRACCHO CARDOSO**, lecionou aos seus congêneres, de 1922 a 1926, de como se fazer administração pública; porque Sergipe foi o único Estado que, por conduto do insigne mestre **Gumersindo Bessa**, ousou, sem prejuízo para sua História, enfrentar **RUY BARBOSA** na célebre questão dos acreanos; porque ofereceu ao continente uma das maiores expressões poéticas da língua portuguesa, — o nosso querido **HERMES FONTES**; porque, em suma, Sergipe, foi o único Estado que, graças à cultura e à vocação pedagógica do General **Samuel de Oliveira**, traduziu e espalhou, à altura da inteligência popular, a “**La Théorie de la Relativité**”, de **Albert Einstein**, e porque Sergipe dinamizou a filosofia religiosa através da obra erudita de **Jackson de Figueiredo**. Como se vê, é bem certo o axioma de que “as melhores essências estão nos menores frascos”...

E, agora, tendo ao meu lado, como sempre, a pacientemente tolerar-me o temperamento de homem esmerilado na árdua luta pela vida, a esposa e companheira **Eurydice**, ou **Didi**, como costumeiramente a chamamos, o nune tutelar das grandes horas, que se miram neste exemplo de esforço e de equilíbrio, — eu sento entre vós, senhores acadêmicos, ainda atordoado pela vossa munificência extraordinária, deslumbrado, não há dúvida, mas convencido como **ALIGHIERI**, de que, se as esferas se iluminam, na viagem para o Paraíso, deve-se esse fenômeno de luminosidade ao simples mas divino sorriso de **Beatriz** que, nesta hora, simboliza, para mim, a sedutora **ACADEMIA SERGIANA DE LETRAS**, que abre as encantadoras portas ao modesto sonhador emigrante sergipanizado por uma espécie *sui-generis* de usucapião extraordinário.

É, aqui imitando **José-Maria de Heredia**, o genial autor de “**Les Trophées**”, no início do seu monumental discurso pronunciado em 30 de maio de 1895, na Academia Francesa, por ocasião de sua posse quando disse aos seus ilustres pares:

— “**En m’ accueillant dans votre Compagnie vous avez consacré mon adoption par la France**”, eu vos digo, senhores acadêmicos: “Em me acolhendo em vossa Companhia, vós consagrais, assim, a minha adoção por Sergipe”.

* * *

E à minha santa mãe, que seguindo as pegadas de meu pai, mandou me ensinar a ler e a quem ainda gostosamente obedeço como se impúbere eu fosse, a minha gratidão imorredoura por seus úteis ensinamentos, sem os quais me não seria possível estar hoje entre vós, a quem agradeço a alta honra de convosco integrar-me nesta conceituada instituição.

* * *

(O discurso de S. Excia. o acadêmico Desembargador **Hunald Cardoso**, de saudação a **Clodoaldo de Alencar**, já foi publicado em n.º anterior desta revista).

**DISCURSO DO POETA FREIRE RIBEIRO AO RECEBER
NA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS O
ACADÊMICO JOSÉ SILVÉRIO LEITE
FONTES QUE OCUPOU A CADEIRA
N.º 5, EM 7 DE JULHO DE 1969**

J. FREIRE RIBEIRO
X Á C A R A
E PALAVRA EM LOUVOR DO ACADÊMICO
JOSÉ SILVÉRIO LEITE FONTES

Xácara, como bem sabemos, é romance em versos simples, d'água corrente, em que se contam ou se cantam feitos famosos ou em que se louvam famosas pessoas. Antenor Nascentes, no seu admirável "Noções de Estilística e Literatura", escreve que xácara "é uma composição poética de origem espanhola. Acertadamente assim dizemos, uma composição espanhola de origem árabe. Gil Vicente, nascido em Lisboa, em 1456, poeta de Câmara de D. João II e da Infanta D. Maria, foi um grande autor de xácaras. Teceu em louvou del — Rey D. Manoel — que morreu nos paços Reais de Ribeira, no dia 13 de dezembro de 1521, tendo de idade 52 anos, 6 meses e 13 dias depois de um reinado fulgente de 26 anos, 1 mês e 19 dias — Xácara notável em que ampliou, no passamento do Rei, o chôro aduacional ou não do paço ou do povo. D. Manoel fôra sepultado, como pedira, em cova rasa, altas horas da noite de um frio inverno, na igreja inconclusa de N. Senhora do Belém, metido num ataúde sobre azêmola, acompanhado por toda a Côrte, que, segundo um cronista, "seriam bem dois mil a cavallo e mais de seiscentas tochas".

Peça de fina joalheria poética, vemos a mestria de Gil Vicente, que, no verso, via o que ninguém via, como bem contemplamos nesta estrofe:

"Prantos fazem em Lisbôa
Por El-Rey D. Manoel
que se findou nesse dia;

choram duques, mestres, condes,
cada um quem mais podia;
e fidalgos e donzelas
muitos tristes em porfia;
Seus cabelos, fios d'oiro,
arrancava, destruia!"

Ora, como sabemos, arrancar cabelos é coisa que muito dói a não ser no que usa peruca, coisa que vem de muito tempo, hoje tão em moda, outrora a clássica cabeleira postiça.

Todos sabiam e em surdina comentavam com certo medo que D. João III, ansioso pelo trono, pedia que a morte levasse com mais presteza D. Manoel para o mundo das sombras. Gil Vicente, não podia deixar de figurar versejando o príncipe herdeiro na Xácara, com sabedoria, para não perder o prestígio junto a D. João, herdeiro da corôa de D. Manoel:

"O príncipe dava suspiros
que a alma se lhe saia.
Suas lágrimas prudentes
como o gran senhor cumpria!
De dia, sempre calava,
de noite nunca dormia!"

Assim fecha o poeta palaciano a célebre Xácara. Penso até Gil Vicente sentiu, verdadeiramente a morte de D. Manoel. Os dois últimos versos são um adeus, na vida, para o além do horizonte:

"Ja passa de meia-noite...
três horas antes do dia!
metido num ataúde
o que inda pouco regia,
o grande Rei do Oriente
de seus paços se partia!..."

Orlando Teixeira, compôs uma bela Xácara de Amor, chorando em rimas a desventurada paixão oceânica por Don'Alva: vamos ouvir os

queixumes do poeta infeliz à amada inesquecível, nesses ferozes tempos d'antanho em que se morria ante um simples olhar, um breve sorriso, um cravo que se recebia tendo ao centro o clássico alecrim...

“Don’Alva, minha Senhora,
 que tanto amor me inspirais,
 hei de querer-vos embora,
 Don’Alva não me queirais!...
 Pois o querer-vos agora
 eu prefiro a tudo mais,
 Don’Alva, minha Senhora,
 dona de risos fatais!
 Tanto esta alma vos adora
 tanto me desadorais!
 Veja! Êste amor não descora
 muito embora o maldigais,
 Don’Alva, minha Senhora,
 Senhora d’olhos mortais!

A **Xácara** com que abro o discurso acadêmico, conta nos simples versos do seu debuxo, passagens da vida do Acadêmico José Silvério Leite Fontes, merecidamente eleito para esta Academia.

Vale, por nada valer, sabendo embora pela justiça que em altos brados proclamo a um vulto notável das nossas letras.

**Xácaras e palavras em louvor do Acadêmico
 JOSÉ SILVÉRIO LEITE FONTES**

De louro e Acanto
 A Academia
 hoje reveste
 a Frontaria!
 Dia de festa,
 agosto dia,
 pois é presente,
 membro eminente.
 na Companhia,

mais um Eleito
mais um Cruzado,
um pensamento,
sabedoria!
De Louro e Acanto
a Academia
hoje reveste —
a Frontaria! —
Aqui nascido, —
nesta cidade
brincou sorrindo
à luz do ceu
mais lindo e claro
dêste Brasil,
céu sergipano
por Deus pintado
da côr mais bela,
do belo anil!...
Céu nuvens brancas,
cisnes no ar,
lenços cambraia
a se esgarçar,
trazendo adeuses
dos que morreram
longe da terra
tendo Sergipe
na luz do olhar,

Seus pais, alegres
ao recebê-lo
no leito em flor,
quanta esperança,
profundo amor!

Renderam graças
ao Rei — Pastor!

Liso cabelo
da côr da noite
tinha o menino.
Olhos castanhos
de sonhador!...
Dr. Silvério,
Dona Iracema,
dois corações
Num grande amor,
No berço, em festa
queimavam incenso
com alfazema
e, com carinho
chamavam logo
o pequenino
de "Silverinho"!...

De Louro e Acanto
A Academia
hoje reveste
a Frontaria!...

Cresceu Silvério
de camisola,
uma vêz por outra
brincando nú,
como no outrora
todos brincavam
meninos todos
do Aracaju!

"Manja manjareu!
Farinha de côco
pra pai Maneu!

Pintaíña,
sola-mingola,

o Rei mandou dizer
que tirasse
esta fora!"

Mas muitas vezes,
com oito anos,
Silvério, olhava
horas inteiras
o céu sem fim!
Também passava
longe do mundo
um tempo enorme
falando às rosas
do seu jardim;
lia revistas
ou se alheava
da brincadeira
para sonhar,
olhando estrelas
como Bilac,
como Vicente,
ouvindo o mar!

Era o chamado
da Causa Eterna
êle o sabia!

Em seu louvor
tão merecido!
de louro e acanto
a Academia
hoje reveste
a Frontaria!

Bacharelou-se
com brilhantismo
Dando a justiça

o seu talento
o seu fulgor,
mas seu destino
era no mundo,
ser professor!...

Ser professor!...
Dar a su'alma
à mocidade
no ensinamento!
Ser pão de luz,
pão — pensamento
na musa augusta
da Instrução
Mestre. — destino
de um deus na terra
tornando a treva
Só em clarão,
na luz eterna
a que chamamos
civilização!

Escreve livros
Teses, história,
áureo fulgor
da inteligência
na sua glória
de professor,
sempre ensinando
de noite ou dia!
Em seu louvor
de louro e Acanto
A Academia
hoje reveste
a Frontaria

PALAVRAS

O professor José Silvério Leite Fontes, — aqui nascido, ali em “Santo Antônio”, junto à residência do inesquecível poeta Garcia Rosa; (Garcia, amigo — irmão do Dr. Silvério — via d’olhos risonhos, Silverinho no berço do nascimento, em 6 de abril de 1924) candidatou-se, em 1958, à cadeira de História Geral, do Colégio Estadual de Sergipe “**Formação de fato histórico na cultura Ocidental**”, foi a tese apresentada para o concurso à douta congregação desse estabelecimento cultural que muito honra Sergipe. Noventa e oito páginas em que o professor Silvério põe a lume os seus conhecimentos no vasto campo da História, — espelho que reflete o homem nos caminhos do tempo nas jornadas da glória, e da morte. — Trabalho profundo. Passam aos nossos olhos nessa tese brilhante, à vida humana pelo espírito, as contribuições da antiguidade oriental, da hebraica-cristã, da Greco romana, de espírito Germânico, da idade média, média posterior, renascimento, século XVII, o iluminismo inglês, francês e alemão; do século XIX, tendências romântica e realista. Mostrou-nos ainda o duto conterrâneo, a fonte inesgotável dos seus conhecimentos nas citações em que alicerça tão empolgante trabalho através de noventa e quatro obras de autores de renome mundial, consultados, e relidos. Trabalho de fôlego que não desmente as tradições do pensamento Sergipano, fulgindo no seio da cultura do continente.

Jackson de Figueirêdo, tem em Silvério Fontes, — homem de bronze e sol que adormeceu no mar, — um biógrafo admirável na tese apresentada à cadeira de História do Curso Ginásial do Instituto de Educação Rui Barbosa. Jackson, presente, vivo, respirando, brigando e vibrando nas páginas desse trabalho e, com êle, Aracaju dêsses tempos antigos e tão saudosos, românticos, cheios de serenatas pelas noites belas, de poetas e valentões. Jackson, o homem, o apóstolo, o pensador, o político. Jackson, presente no livro de Silvério Fontes como está no Brasil e no mundo. Jackson, assim falando ao mar no “Bater de Asas”, abençoado por Garcia Rosa, o pontífice da poesia Sergipana, Jackson, assim falando ao mar na mocidade radiosa, para mais adiante, morrer no coração do mar

“Vejo em ti, velho mar, um meu irmão!
 minh'alma como tu também é grande,
 Sujeito ao gôzo ou a dor, meu coração.
 As vezes êle ri, canta e suspira,
 Outras vezes a dor em raiva expande
 e, como tu, ó velho mar, delira!”

Em 25 de agosto de 1948, a convite da Sociedade Franco Brasileira, pronuncia, no Instituto Histórico e Sergipano de Sergipe, notável conferência sobre o pensamento de Jacques Maritain. Em outubro de 1956, sob o patrocínio da Associação Cultural Franco Brasileira, fala, sob aplausos, sobre Zéon Bloy. Em sete de abril do mesmo ano, na sessão inaugural da Secção de Sergipe, do Instituto Brasileiro de Filosofia, traz para os que o escutam e admiram, os seus estudos sobre as principais correntes de Filosofia contemporânea. Somou esses trabalhos, acrescentando uma conferência inédita, — “As lutas militares no Prata,” numa publicação — “Quatro Estudos”, edição Regina, 1958. A universidade do Ceará publica, em elegante plaqueta, o seu “Valores e Historicidade”, tese apresentada ao IV congresso Nacional de Filosofia, Fortaleza, novembro de 1962.

Artigos pela imprensa, discursos de paranínia, aulas e mais aulas, são a sua presença vida intelectual do seu Estado e da sua Pátria. Jornalista da luz trouxe à Academia o trigo mais puro e mais loiro dos seus conhecimentos.

Quero, na pessoa do ilustre acadêmico, neste instante honrar, mais do que nunca, os mestres sergipanos! professores primários e secundários. Os que sofreram e sofrem pelo pensamnto, dando a Sergipe, em todos os tempos, o amor mais sagrado dos seus amores pela instrução e pela sabedoria. Professores, muitos delés na luta do pão de cada dia, no curto salário, entre o pão e o livro, comprando, heroicamente livros humildes e luminosos, Santos da Religião do sól combatendo as trevas da noite e entre esses Virgínio de Santana, Artur Fortes, Abdias Bezerra, Clodomir de Souza e Silva, Jucundino Andrade, Orestes, Graça Leite, Quintino Marques, Rosentina Leite, Antônio Aires, Garcia Rosa, Costa filho, Magalhães Carneiro, Figueiredo Martins, Santos Melo, Clarimundo Mágnio, Baltazar Gois, Dodona Pinto, Etelvina Siqueira, Josefina Leite, Glorinha Chaves, Evangelino

de Faro, José de Alencar Cardoso, — Sá Limpa, professora de Gilberto Amado; professor José Rodrigues, figura d'Eça' sempre de preto, calças listradas, piscenez, fazendo versos, introduzindo no Aracaju a chamada poesia moderna, declamando nas festividades natalinas, em homenagem ao seu Juvenal, o seu poema que assim começava:

**“O Carrossel grita fino
montado, em cada corcel,
um menino”.**

Conhecer Paris, é conhecer o mundo. Gilberto Amado, gênio desta América Austral, aqui nascido, escreveu que, “cada rua de Paris é um rio que vem da Grécia”. Ver e sentir Paris era naturalmente um sonho no coração do Professor Silvério Fontes. Em 1959, concretizá-o. Passa um mês na antiga Lutétia, hoje cidade luz. Bebe, em largos tragos, a alma da cidade... Sente, em seus ouvidos, Hinos da Marselheza, soluções da rainha que envelheceu numa noite, rugidos de Rebespierre na Convenção e o nome do Corso redivivo na glória. Visita Monumentos, Bibliotecas, dá mostras do seu Francês aos ouvidos da França. Mas, infelizmente, adocece... Fica mais doce no sangue — doce no sangue que também sou, pela diabetes. Recolhe-se para tratamento urgente, no Hotel Dieu, “bem perto de Notre-dame e contempla na tela de um sonho, nas tórras da Catedral Magnífica, o vulto de Quasímodo, ainda hoje amando em surdina e defendendo, numa ira sagrada, a bela Esmeralda”.

Residimos na mesma Rua. Rua de Santa Luzia, — a Santa que tem remédios para os nossos olhos. Espírito cristão, apostólico romano, o professor José Silvério Fontes, é um admirador sem canseiras de Pio XII, João XXIII e Paulo VI. Está com a Igreja dentro do Século. A Igreja procurando, na hora precisa, em todo o mundo, realizar o que ensina a “Rorum Navarum”, de Leão XIII. Ao lado da espôsa estremeçada faz do seu lar um templo de amor e de paz. Trabalha de sol a sol, ensinando, semeando, semeando, ensinando... místico, religioso, mas, não sei por que Diabo, vejo às vezes nos olhos do Professor José Silvério Leite Fontes, a iluminação e o relampejar dos olhos de Charles de Baudelaire, o poeta satânico.

Vivemos uma hora agônica, desesperada, inquieta... A morte, aliam-se os automóveis, aviões, motocicletas, lambretas, mecanismos

que são monstros de ferro, de alumínio e aço... Os homens, vivemos em correria constante, principalmente nas grandes cidades. Cumpre-se a profecia de Nostradamus. "O Homem, cansado da terra, buscará um dia, abrigo entre os astros do céu." As sombras do Apocalipse que já se dependuram dos cimos da eternidade, tentam como disse Barbusse mais do que nunca, apagar a luz do sol. Assassínatos, roubos, assaltos, angústias, tão só o presente. Nesse cenário tormentoso vem aos meus olhos do mundo do pretérito o postal, dentro da tarde, da casa dos avós paternos do professor Silvério Fontes. Cadeiras pela calçada sombreada e fresca. Dona Margarida, de bata branca, figura bíblica, risonha, simpática, envolvente, abençoando os meninos do Aracaju. O velho Aristides Fontes, de bordão, às vezes vestindo chambre, na serena longevidade.

Sentados, na conversa animada, Dr. Silvério, Tabelião Benício, Dr. Aristides Fontes e o Poeta Garcia Rosa, de bigodes a Kaiser, cabelos negros, olhos luzentes, a recitar os seus célebres sonetos escritos à sombra das suas mangueiras, no seu sítio de Santo Antônio, sempre cheio de literatos da época, — Lourival Fontes, Jackson de Figueiredo, Lourival Coelho, Juca Magalhães, Cícero Sampaio, Goes Duarte, Amando Fontes, Rubens Figueiredo, José Vicente de Souza, Abelardo Cardoso, Gamaliel Mendonça, Efren Lima, Péricles Barreto, Alfredo Cabral, Silva Ribeiro Filho, Freire Pinto e Jordão de Oliveira.

Muitas vezes, o Acadêmico que hoje empossamos, pequenino, vivaz e traquino, puxava a saia da vovó Margarida, pedindo que ela comprasse o "mel-de-abelha", "pés-de-moleque", cocadas e queijadas côr de ouro, que pretos velhos, vestidos de nevé e de cabelos de neve, vendiam aos meninos. E os mesmos medos infantis quando víamos, nas ruas de Aracaju, chefiados pelo preto Leandro, os "lambes-sujo", prisioneiros dos "caboclinhos", nos dias de festividades estaduais... País da infância gravado em nós, vivo em nós, nos mundos da saudade e do coração!... Lembro-me que, na Semana Santa, na veneranda Matriz do Socorro, eu tremia como varas-verdes ante a "Verônica" ensanguentada, Cristo que se dependurava, junto ao altar-mór, das mãos de pérola de N. Senhora da Piedade, imagem lindíssima na sua tristeza, vestindo o roxo das grandes dôres, lembrando, na suprema tragédia santificante, o filho pequenino, — homem feito e Senhor de Paz, torturado e morto entre dois ladrões que ladeavam, no Calvário

da morte, o dileto de Deus. Perto da casa de D. Margarida e de seu Aristides, morava o conhecidíssimo chefe de trem Madureira, em cuja casa, o seu parente Jordão de Oliveira, abrindo as asas para a consagração do seu nome no mundo das artes, hoje pintor notável que honra o Brasil, fazia exposição dos seus primeiros quadros. Lembrome de uma sanguínea impressionante focalizando a cabeça do poeta Vivaldo Fontes. Foi nessa casa que conheci, crisântemo ao Peito, de fala mansa, a conversar com Jordão, o poeta Cleómenes Campos. Tudo muito longe, no cenário do tempo... tudo muito perto na saudade do meu coração a evocar, de "mãos postas" esses dias antigos... Há no palácio Olímpio Campos dois vultos perigosíssimos. Duas estátuas magníficas de Bruno Celli e Orestigatti. Dois velhos que, desde 1922, quando da restauração do palácio pelo eminente Presidente Marechal Pereira Lobo, alí se assentam no fim da primeira escada que dá acesso ao gabinete governamental, que representam os rios S. Francisco e Real. Velhos terríveis, mas belos na expressão veneranda, no olhar o horizonte, que tudo mede e compassa. Fomos, eu e o Silvério, Secretários de Governadores. Eu, de Mainard Gomes e João Dantas Martins dos Reis. Silvério, de Arnaldo Rolemberg Garcez. Conhecemos de perto a vida palaciana nos gabinetes governamentais. Sentimos o cheiro dos quitutes políticos, dos acertos, e prestígios de uns e o desprestígios de outros. Conhecemos adutores mansos e fuchiqueiros terríveis. Acompanhamos as longas esperas das partes que se assentavam nas poltronas d'olhos compridos, atentíssimos à porta fechada do gabinete dos despachos. Mentimos inúmeras vezes segundo o ritmo protocolar.

- S. Excia. pede-lhe que espere um pouco.
Está ocupadíssimo.
- Você, sempre aqui é lembrado:
hoje mesmo, pela manhã, o governador
pronunciou o seu nome!
- "O seu prestígio aqui, cada dia
é mais forte!...

Não sei se fomos adutores ou não; se nos tornamos importantes ou não. O povo que nos julgue. Sei que, no último dia da nossa presença oficial em palácio, aos nossos ouvidos, no descer da

escada, à procura da rua, sou aos nossos ouvidos o gargarhar dos velhos que tudo sabem e compassam, no efêmero da glória que tanto envaidece o pobre coração do homem nas estradas, vales e montanhas da vida...

**DISCURSO DO ACADÊMICO JOSÉ SILVÉRIO LEITE
FONTES AO TOMAR POSSE DA CADEIRA N.º 5
DA ACADEMIA SERGIANA DE LETRAS
EM 7 DE JULHO DE 1969**

Há muito tempo atrás, quando mandavam na Europa os reis absolutos e em tórno de suas pessoas se condensavam os Estados territoriais, quando a alta classe era constituída pela aristocracia de cortezãos e seu gôsto ditava o da sociedade toda, quando as línguas nacionais ganhavam os foros de cidadania e se transformavam no veículo de expressão da arte de dizer, um grupo de amantes das belas letras começou a reunir-se na casa de erudito burguês Valentin Conrat, para conversar sobre temas elevados. O terrível ministro Richelieu, que tudo queria integrar na monarquia francesa, assumiu o patrocínio do grupo, que se transformou numa corporação relacionada com o Estado e a serviço da cultura nacional: a Academia Francesa. O exemplo dado multiplicou-se pelas nações civilizadas. A instituição persistiu nos círculos dos letrados, embora com a sua função discutida e apesar de desaparecidas as condições sociais que a viram nascer. Aliás, desde o início, foi a Academia de Letras objeto de controvérsia, mas demonstrou correspondência a alguma necessidade social subsistindo apesar das contradições.

Em corporação semelhante, no âmbito da província sergipana, sou hoje recebido por aquêles que me escolheram para ser de seus pares. E recebido numa cerimônia que reflete uma das praxes seculares da instituição, praxe começada em 1640, por Patru. Os primeiros sentimentos que experimento são de contentamento e alegria por

permitirem, de tão ilustre companhia, manter com seus membros conversações espirituais, partilhar com eles reflexões sobre os problemas do ser, da sociedade e da arte, e juntos trabalharmos pelo aprimoramento das letras e do saber. Sou, por isso, especialmente reconhecido àquêles acadêmicos que me encorajaram na apresentação da candidatura. Também a todos os que sufragaram o meu nome, considerando-me digno e bom companheiro. Aos demais, se não tenho por que agradecer, manifesto respeito pelo ponto de vista que desposaram e espero manter com todos convivência boa e produtiva. Confesso ser motivo de particular satisfação merecer a honrosa saudação de entrada dos lábios de Freire Ribeiro. Agora confrade, mas de muito tempo amigo e vizinho. Na rua Sta. Luzia, é a residência de Freire Ribeiro uma pequena academia de letras e artes. Pelo menos, preenche tais funções. Lá se reúnem poetas, músicos e pintores para os colóquios do espírito e para publicar suas obras num círculo seleta. Quando minhas tarefas o permitem, tenho a felicidade de estar presente, embora numa presença muda e contemplativa, pois não sou poeta, nem outra arte cultivo. Sirvo-me das letras, da melhor maneira que posso, como veículos de pensamentos e convites à ação e ao aperfeiçoamento da personalidade. Mas admiro os desprendidos das exigências concretas e cujos sonhos e cantos tocam nas fibras do existente. Em Freire, vejo diariamente uma pessoa que vive para verter em vasos de beleza as suas intuições. Admiro-lhe a fluência e o colorido, assim como a vivacidade, alternada de melancolia, de comunhão de corações.

É bom ser acolhido, nesse recinto, por um vizinho, amigo e poeta, três sinais do mundo mágico e sublunar da sensibilidade e da comunhão de corações.

Coube-me a cadeira n. 5, cujo patrono é Ivo do Prado e que teve como ocupante anterior a D. Antônio dos Santos Cabral. Não foi sem boas razões que aceitei candidatar-me a essa cadeira. Sinto que há muitas afinidades espirituais com esses dois vultos, guardado o respeito à grandeza de cada um. Para ambos, o aspecto estético da obra literária não era fim, mas instrumento. A comunicação espiritual que buscavam não era dirigida primordialmente à sensibilidade, mas à inteligência. Ivo do Prado escreveu para defender pontos de vista políticos e no curso da ação política, ou para arguir em favor

de uma tese histórico-geográfica, de alto significativo político para sua terra. D. Antônio Cabral escreveu para desenvolver teses de doutrina religiosa e ensinar às ovelhas do rebanho que lhe fôra confiado. Em última análise, os dois praticavam a arte de direção dos homens, quer para a vida temporal, quer para a vida espiritual.

Foi também em sentido similar que utilizei a forma literária. Nunca fiz obra especificamente literária. Nunca apelei sistematicamente para recursos estéticos, salvo como meio de comunicação de uma mensagem de ordem doutrinária. Daí sentir-me bem na linha traçada por Ivo do Prado e D. Antônio Cabral.

Devendo estudá-los e apreciar-lhes a obra, o que faço com satisfação, pelos motivos acima expostos, encontro entre eles outros pontos de semelhança, que gostaria de acentuar. Nasceram na mesma província e no mesmo período histórico, o que vai da década de 60 à proclamação da República. É entretanto, o primeiro, mais velho, 24 anos, o que os situa em diferentes épocas de formação. Ivo do Prado recebeu influência em sua juventude do meio positivista do Exército, no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro, os focos dessa orientação filosófica. D. Antônio desenvolveu seu espírito nos anos posteriores à proclamação da República e no Seminário da Bahia. Foram, assim, duas mentes plasmadas pelas instituições mais orgânicas da sociedade brasileira, verdadeiramente duas ordens ou corporações — no sentido medieval — com estilos de vida e pensamentos diferentes, o Exército e o Clero. Mas, por isso mesmo, aproximados na dessemelhança, identificados no paralelismo de sua integração corporativa.

No entanto, a abertura do Exército para a política, após a proclamação da República, em união com as forças civis, levou Ivo do Prado a atuar fora do seu campo especificamente institucional. Não assim a Igreja, que sempre procurou resguardar os elementos da hierarquia da intromissão no jôgo dos partidos, para que pudessem interferir nos negócios temporais com autoridade, em nome da religião.

A diferença de formação marcou o estilo dos dois escritores. Um, objetivo e dedutivo. O outro, retórico, ressumbrando ao século XVII, porém mais cuidadoso na linguagem e mais elegante no escrever.

Traçado êsse quadro comparativo, passemos agora a descrever-lhes separadamente a vida e a obra.

Nasceu Ivo do Prado Montes Pires da Franca a 20 de maio de 1860, no sítio Candéal, próximo da cidade de S. Cristóvão. Era filho do tenente coronel honorário Deusdedith Pires da Franca e de Da. Lina Leonor do Prado Montes da Franca. Pela família, pertencia aquela sub-classe da aristocracia rural do Império, de médios proprietários, embora entrelaçados com as famílias dominantes. Em todas as sociedades similares, os filhos dessas famílias sempre representaram um fator dinâmico, devida a sua situação psicológica. Desejando ombrear-se em valor com os demais de sua classe e não dispondo dos meios normais do poder e de afirmação social, tiveram de recorrer às instituições abertas no sentido vertical, as quais, no caso do Império, eram a Igreja e o Exército. Por isso, explica-se que o jovem Ivo do Prado se deslocasse aos 15 anos para a cidade de Salvador, então entreposto da produção sergipana e mantendo conosco intensas relações comerciais, e lá iniciasse a vida profissional como empregado no comércio. Mas logo assentou praça a 17 de maio de 1877, no 16.º de Infantaria. Conseguiu transferência para o Rio Grande do Sul, onde se matriculou na Escola de Cavalaria e Infantaria, tendo antes servido no 1.º Regimento de Artilharia a Cavallo. Alferes-aluno em janeiro de 1884, veio servir em Aracaju, na Companhia fixa, mas, em 1886, se inscrevia no curso de Artilharia, da Escola Militar, no 3.º ano. Sua permanência no Rio Grande e no Realengo aproximou-o do grupo dos cadetes positivistas e republicanos, inclusive do líder dessa juventude, o tenente-coronel Benjamim Constant, professor de Matemática, que sabia em meio das fórmulas e dos números dissertar sobre política. Mestre de positivismo, tanto quanto de Matemática, republicano ardoroso, personalidade marcante, teria influência decisiva nas gerações da Escola Militar do seu tempo e do futuro. Se a filosofia positivista como tal foi esquecida, os traços básicos de seu pensamento político continuaram a marcar a oficialidade da República, como a dos fins do Império. Os positivistas de então lutavam por uma república democrática, mas onde prevalecesse o princípio da autoridade. Reivindicavam os direitos dos cidadãos de farda, que educados nos rigores da disciplina e da ética militar, poderiam purificar o meio político corrompido pelos casacas. Muitos desejavam mes-

mo a instalação de uma ditadura militar salvadora. Essa mentalidade refletia justamente o que vimos de enunciar: o papel do Exército como instrumento de ascensão de elites provenientes da pequena aristocracia rural e da classe média citadina. Confirma-o o marechal Setembrino de Carvalho, em suas Memórias, retratando situação semelhante a de Ivo do Prado, quanto ao título de Alferes-aluno pela Escola do Rio Grande do Sul — “No fim de três anos, se haviam conquistado aprovações plenas” nos exames, os alunos” obtinham o galão de Alferes-aluno. Era considerado um prêmio para os bons estudantes. Assim se faziam homens independentes, iniciando-se com sólidos fundamentos na luta pela vida. O título de Alferes-aluno tornara-se a grande atração dos moços que, sem grandes recursos financeiros, sonhavam com risonho futuro”.

A questão militar pôs em conflito a sociedade civil e a sociedade militar do Império. O resultado teria de ser finalmente favorável à segunda. Como diz, um tanto humoristicamente, o grande sociólogo Oliveira Viana: “Se o cidadão de Casaca tinha para ampará-lo a cana da sua bengala, o cidadão fardado encontrava o seu apóio na lamina da sua espada e está fora de dúvida que a pequena minoria dos cidadãos, que manejavam instrumentos de ferro, haveria de acabar fatalmente dominando a grande maioria dos cidadãos que manejavam instrumentos de pau”.

Ivo do Prado participou das agitações da questão militar. Foi excluído temporariamente do curso, mas, com o recuo do Governo Cotegepe, retornou, em 1888, à Escola Militar, fazendo o curso de Estado-Maior. Já era então 2.º tenente de artilharia, desde 1887, quando obtivera aprovação plena. Serviu no 2.º regimento de artilharia, sendo porta-estandarte do mesmo no dia 15 de novembro de 1889, ocasião em que prestou serviços de confiança a Benjamim Constant.

Nomeado auxiliar técnico do Governo de Sergipe, suponho que viesse como integrante do grupo militar republicano-positivista do Rio. Comandante do Corpo da Polícia Militar, tomou participação ativa na política estadual, foi um dos fundadores e redatores do *Correio de Sergipe*, em 1890, segundo afirmação de Armindo Guaraná e Elias Carmelo, embora no rápido exame que fiz dos números desse jornal pouco pudesse encontrar de Ivo do Prado. Candidato à Constituinte republicano, como deputado, apresentou um manifesto ao

eleitorado sergipano, a 15 de outubro de 1890, e nele expôs algumas de suas idéias políticas. Considerou o sentimento político como aquele que induz à luta pela grandeza humana. Entendia que o 15 de novembro fôra um fenômeno de forma e não de substância. "A revolução, diz êle, não teve a precisa latitude social. Ela não foi da política do cidadão ao caráter do homem. Trouxe-nos o princípio republicano, mas não nos trouxe a república". Considerando o homem produto das instituições e dos costumes, e invocando Buchner a cujo materialismo então aderira, concluía que continuava, o meio, monarquista, implantado pela educação monarquista. Nessas idéias já se define o republicano histórico que seria Ivo do Prado. Notemos inicialmente a falta de realismo político. Seu manifesto, em última análise não estava dirigido ao eleitorado ignorante e servil de Sergipe, mas ao grupo intelectual e social a que se julgava pertencer e cujo aplauso procurava. Era essa sua motivação subconsciente. Também lhe faltava objetividade sociológica, pois confundia a estrutura e a mentalidade social brasileira com o regime monárquico. Infelizmente, muita gente continua a padecer dessa miopia, querendo resolver problemas sociais com medidas exclusivamente políticas.

O final do Manifesto é, entretanto, extraordinário como programa de vida e como visão de certos problemas do Estado. O seu primeiro item reza: "ampliação do nosso território". Desponta aí o futuro lutador pelos legítimos limites de Sergipe. Em outros itens, reivindica abertura das barras, navegação direta, escolas agrícolas e estações agrônômicas, aumento do capital circulante.

As decepções do republicano histórico começou quando o grupo a que pertencia, com Felisbelo Freire, foi substituído pelo de Vicente de Oliveira Ribeiro, representante típico da aristocracia. Rompeu violentamente com Deodoro e, por isso, aderiu ao grupo florianista. Findo o Governo de Floriano, já no posto de capitão, dirigiu o ensino de artilharia na escola de sargentos do Realengo. No rompimento de Francisco Glicério com Prudente de Moraes, ficou publicamente com aquele, coerente como republicano histórico, florianista e partidário de um sistema integrado de governo. Com Prudente de Moraes, as oligarquias estaduais conseguiram afastar temporariamente os cidadãos armados do poder. Daí a regressão do florianismo. Em consequência, foi Ivo do Prado mandado servir em Mato Grosso. Comandou

o Fte. Coimbra e interinamente o batalhão. Montou o Laboratório Pirotécnico de Cuiabá. Promovido a major, retornou ao Rio para servir no Ministério da Guerra, acabando como Assistente do Chefe do Estado Maior. Foi comissionado para coligir dados destinados a servir à história militar do Nordeste. Esse encargo lhe abriu os arquivos do Ministério da Guerra e de seu serviço de geografia e lhe deu conhecimento de vários outros documentos históricos, traçando-lhe o *background*, para a ação culminante de sua vida. Tenente coronel, comandou em Manaus o 19.º Grupo de Artilharia de Montanha. Coronel, em 1913, exerceu outros comandos, foi chefe do Estado-Maior da 3.ª Região e da 4.ª Seção do Estado Maior do Exército. Finalmente, foi reformado, em 1921, como general de divisão, por 43 anos de relevantes serviços.

Em setembro de 1918, realizou-se na cidade de Bélo Horizonte um Congresso de Geografia, que tinha por objetivo inicial harmonizar os Estados brasileiros no que toca a suas divergências de limites. Para representar Sergipe, o nosso presidente, géneral Oliveira Valadão, designou uma comissão composta do Dr. Manuel dos Passos de Oliveira Teles e do Cel. Ivo do Prado. O primeiro era estudioso do problema, seguindo as pegadas de Lima Junior. Mas Ivo do Prado, embora aproveitando os trabalhos de seus antecessores, iria revolucionar a discussão do problema. Infelizmente não pôde debatê-lo em Belo Horizonte, mas sua argumentação veio a lume, com a ajuda do novo presidente marechal Pereira Lobo, em 1919, sendo publicada então "A Capitania de Sergipe e suas Ouvidorias".

O tema era candente. Hoje, Sergipe se conformou aparentemente com sua mutilação. Nada sabemos quanto ao futuro. Os territórios disputados podem encerrar grandes potencialidades econômicas e tudo estará a depender da importância que Sergipe possa ter um dia na Federação. Reconheço que isso é muito problemático. Mas, naquela época, o sistema federativo dava oportunidades ao debate do assunto. Sentia-se vivamente o inominável esbulho praticado pela Bahia.

Esta aparecia aos homens da época como opressora. Nos últimos tempos coloniais, pela dominação política. No império, pelo controle alfandegário. E, finalmente, como espoliadora de territórios. Por outro lado, no século XIX, a formação da nossa *intelligentia* se

fazia predominantemente em Recife. Foi nas proximidades do século XX que Bahia passou a ocupar esse lugar, amortecendo os conflitos na área da elite pensante.

Uma última tentativa de solução do problema foi efetuada por acôrdo lavrado no cartório de José Euclides de Sousa, entre os governadores Pereira Lobo e José Joaquim Seabra, a 27 de outubro de 1920. Decidiu-se constituir uma comissão de três árbitros, cabendo a cada Estado indicar um como louvado e, de comum acôrdo, escolherem o terceiro, dentre uma lista de seis. Sergipe e Bahia indicaram respectivamente como louvados a Ivo do Prado e Braz do Amaral. Este, sentido a fraqueza de seus argumentos, pois Ivo do Prado utilizara contra a Bahia vários documentos publicados pelo próprio Amaral, resolveu apelar para as manhas de advogado, em que é mestre, de modo a prolongar a discussão dos preliminares e esgotar o prazo de oito meses, estabelecido pelo convênio, sem se discutir o mérito da questão. Propôs uma conciliação e dela recuou. Provocou o sergipano a sustentar com antecipação o seu ponto de vista para acusá-lo de ser mais advogado que juiz. Finalmente, exigiu pública forma dos documentos que interessavam a Sergipe, no prazo de poucos meses, quando a maioria deles se encontravam em Portugal e tinham sido publicados pelo próprio Braz do Amaral. Enfim, anulou os resultados do acôrdo por manobras para tangenciar a questão. Todo o curso da discussão epistolar foi recolhido por Ivo do Prado numa obra — “Limites de Sergipe-Bahia, Discussão entre Louvados” — de publicação póstuma.

Consegui esta última obra graças à colaboração do confrade Pires Wynne, enquanto todas as demais graças à colaboração da Biblioteca Pública. Com esses elementos, posso agora expor sucintamente o fundo da argumentação de Ivo do Prado. Partia de que os limites legais de Sergipe tinham sido estabelecidos indiretamente pelo Decreto de 8 de julho de 1820, que declarou Sergipe independente da Bahia, o qual vamos amanhã comemorar, e pela Carta Regia de 5 de dezembro de 1822, confirmatória do anterior, pois declarava serem os limites da nova Província correspondentes aos da antiga Comarca. Tratava-se, portanto de descobrir os limites da antiga Comarca. Entendia Ivo do Prado que a expressão “antiga comarca” não poderia referir-se à divisão judiciária existente ao tempo da indepêndência da

Província, pois nesse caso seria a atual comarca. A comarca antiga corresponderia, na pior das hipóteses, à divisão estabelecida em 1742 ao tempo de conde de Galveas. Quanto à evolução dos limites sergipanos, Ivo do Prado argumentava da seguinte maneira:

1.º) A capitania concedida a Francisco Pereira Coutinho era substancialmente a futura capitania de Sergipe, pois a Carta Foral, posterior à Carta de Doação, corrigia a primeira. Enquanto a Carta de Doação dava a Coutinho a baía de Todos os Santos, a outra outorgava 50 leguas de costa "as quais começarão na ponta do rio S. Francisco e correm para o sul até a parte da Baía de Todos os Santos"; ora, as 50 léguas terminam ao norte de Itapoan;

2.º) Na Carta de nomeação de Tomé de Sousa não há intenção de prejudicar os direitos dos donatários;

3.º) Quando da compra aos herdeiros de Coutinho, o Rei lhes assegurou *ad perpetuam* a redízima da Capitania. A Capitania de Sergipe, criada no tempo de Filipe, correspondia a de Coutinho, cuja integridade era necessária para o pagamento da redízima;

4.º) Criada a Ouvidoria de Sergipe, o governador D. João de Lencastre baixa Portaria a 13 de julho de 1696 estabelecendo em Itapoan os limites com a da Bahia;

5.º) Na primeira metade do século XVIII, começa a ofensiva bahiana para reduzir o território sergipano. A poderosa família de Garcia d'Ávila, tendo grandes influências em Salvador, pressiona o vice-rei conde de Sabugosa para transferir os seus domínios para a comarca de Salvador. A Coroa resistiu alguns anos a insistência do Vice-rei e dos interessados, mas, em 1729, baixou a Carta Régia fixando a fronteira das Comarcas no Rio Subahuma e deixando a Sergipe ainda as vilas de Abadia, Itapicurú e Inhambupe;

6.º) Os d'Ávila continuaram descontentes porque parcialmente sujeitos à jurisdição de S. Cristóvão. Carta Régia de 3 de julho de 1742 criou a Comarca de Jacobina, reduzindo a Comarca de Sergipe para o oeste, mas deixando as vilas acima citadas para Sergipe, segundo o provam outros documentos;

7.º) A integração de Sergipe na Capitania Geral da Bahia não alterou os seus limites, nem como Capitania, nem como Comarca;

8.º) Quanto ao oeste, correspondência oficial havida entre 1736 e 1740 inclui Geremoabo na Capitania de Sergipe e na jurisdição de

Itapicurú, sendo que esta última pertencia à Comarca de S. Cristóvão. Além disso, Cartas Régias expedidas no século XVII estendem a jurisdição de Sergipe até o rio Salitre e a serra de Jacobina.

Apesar da grande obra de Ivo do Prado, "A Capitania de Sergipe e suas Ouvidorias", não ser elaborada com clareza, por causa da confusa distribuição da matéria, a sua argumentação é sólida e se firma em valiosos documentos. O material era de difícil manejo, devido à ignorância geográfica dos homens da época colonial e as contradições nas referências emanadas das autoridades, certamente sob o influxo dos interesses. Entretanto, os documentos juridicamente decisivos confirmam a posição do patrono da Cadeira n. 5. Creio que apenas a identificação da Capitania de Sergipe d'El-Rei com a de Francisco Pereira Coutinho não aparece claramente nos textos, nem na intenção dos contemporâneos. Mas, para o problema jurídico dos limites sergipanos, tendo em vista a Carta Régia de 1822, o que importa é a fixação do território da Comarca de Sergipe. Nesse aspecto, Ivo do Prado insiste em defender as lindes da primitiva Comarca, o que talvez seja forçar o texto legal. Ainda admitindo a divisão do tempo de Galveas, não resta dúvida que a Bahia espoliou Sergipe da maior parte de seu território.

Realizados os trabalhos que venho de expor e comentar, o patrono da cadeira n.º 5 cumprira a grande tarefa de sua vida, que o imortalizaria na memória dos sergipanos, aquela que certamente a Providência lhe designara. Por outro lado, evoluira mentalmente nos últimos anos, embora faltem os documentos para acompanhar essa evolução. Passara do materialismo para o espiritismo e a teosofia. O governo sergipano, reconhecido aos serviços prestados pelo éminente estudioso, elegeu-o deputado federal.

Mas não pôde exercer devidamente o mandato, vindo a falecer na capital da República a 24 de abril de 1924.

Focalizemos agora a personalidade e a obra de meu antecessor, D. Antônio dos Santos Cabral.

Confesso ter encontrado dificuldade de reunir dados sobre o ilustre acadêmico. Os poucos que obtive devo aos préstimos dos Srs. Antônio Tavares, João Nunes Andrade e Jugurta Franco, além da Biblioteca Pública.

Antônio dos Santos Cabral nasceu em Propriá, a 8 de outubro de 1884, sendo filho do cel. Antônio dos Santos Cabral e de D. Amélia da Glória Cabral, de uma família de 5 filhos, dos quais era o terceiro. Temos aqui também o filho de um proprietário rural de cidade do interior. Não há meio de sondar-se as razões psicológicas da vocação religiosa de D. Antônio. É certo que dela se apercebeu no fim do período infantil, tendo sido um menino educado religiosamente. As famílias da época viam com satisfação a vocação eclesiástica dos filhos mais jovens. Aos 14 anos e meio ingressou no Seminário de Sta. Teresa, em Salvador, já então dirigido pelos padres lazaristas. Um deles, Pe. Manuel dos Santos, exerceria grande influência em D. Cabral. Em 1907, com 23 anos apenas, era ordenado sacerdote, cantando missa nova em Propriá e sendo nomeado coadjutor do vigário José da Rosa Passos, o mesmo que o batizara. Com o falecimento deste, em 1912, tornou-se vigário. É aliás um dos rasgos tocantes da vida de D. Cabral, o seu amor à cidade natal. Dedicou-lhe os primeiros anos da vida sacerdotal, com grande zêlo, e depois, bispo sucessivamente de duas dioceses, lembrava-se nas pastorais de saudação de evoca-la com insistência e com saudade.

O paroquiato de D. Antônio é anúncio de toda a sua vida. Pôs como centro a Eucaristia. Estimulou a participação do povo na Eucaristia, havendo ano em que o número de comunhões ultrapassou 100 mil. Seguiram-se muitas realizações: a primeira Pia União das Filhas de Maria de Sergipe; 3 centros de Apostolado da Oração; 8 Conferências Vicentinas; uma escola S. Vicente, para meninos pobres; o Colégio feminino N. S. das Graças e o hospital paroquial, ambos entregues às irmãs franciscanas, em cujas mãos ainda se encontram.

A Sta. Sé, informada dessa enorme capacidade apostólica, quis logo fazê-lo bispo. Por duas vezes repeliu a dignidade, mas teve de curvar-se aos imperativos da obediência, nomeado bispo de Natal, pelo Breve de 1.º de setembro de 1917, de Bento XV. Tinha então 33 anos. Em Natal, repetiu-se a sua operosidade. Reorganizou financeiramente a Diocese, saldando uma dívida de 150 contos, fundou o círculo de operários católicos, Escolas de Comércio para moços e para moças, curso de apologética para moças, escola para operárias, uma Sociedade Propagadora do Ensino Primário, Conferências Vica-

tinhas, Centros do Apostolado da Oração, o Seminário S. Pedro, o Boletim de Natal e o jornal A Razão, 30 escolas paroquiais.

Em 1921, Bento XV o transferiu para Belo Horizonte. Tomou posse em 1923 e em 1.º de fevereiro de 1924 era elevado a Arcebispo. No novo campo de trabalho, ia D. Antônio encontrar grande número de colaboradores capazes. Em Belo Horizonte, havia um grupo brilhante de sacerdotes e leigos, homens e mulheres de pensamento, de ação e de piedade. O dinamismo do jovem arcebispo podia multiplicar-se. Em linhas gerais, o seu programa de ação foi o mesmo das experiências anteriores, mas com maior amplitude. A Eucaristia foi ainda a sua preocupação central. Em 1936, realizou-se em Belo Horizonte o 2.º Congresso Eucarístico Nacional, onde o Arcebispo lançou também o movimento da Ação Católica, que até as alturas de 1960 iria dar belos resultados, sendo mesmo a Ação Católica belo-horizontina considerada em certa época um modelo para o Brasil. Outras preocupações dominantes foram: a construção da Catedral, do grande Seminário, a fundação do jornal "O Diário", ainda hoje um dos maiores do Brasil, a fundação da Associação de Educação e Ensino, o Congresso Catequético de 1927, para a renovação do ensino do Catecismo; a obtenção do Decreto estadual de 1928 abrindo as escolas públicas ao ensino religioso; a introdução de dezenas de congregações religiosas, principalmente destinadas ao ensino; criação de escolas superiores católicas; a fundação de 9 círculos operários e da respectiva federação; ampliação considerável do patrimônio.

D. Cabral era mais homem de ação que de pensamento. Pouco escreveu, além de algumas patorais, discursos e circulares ao clero. Mas a sua ação era refletida, baseava-se em determinada concepção da vida religiosa e do apostolado. Desde a primeira pastoral, dirigida, em 1918, aos diocesanos de Natal, insistia nas notas que seriam os traços básicos de sua atuação episcopal. Essas notas colocavam-no no grupo renovador da Igreja, nas décadas de 20 a 40. Se considerarmos a temática atual, o programa de D. Antônio representa apenas um tímido esboço. Em alguns aspectos, seria até reprovado. Mas é preciso compreender a história da Igreja brasileira, que reflete com traços peculiares a história da Igreja universal. No Brasil, ela abandonava pouco a pouco a estrutura e os hábitos mentais dos tempos coloniais. A questão religiosa e a separação do Estado começaram a cortar

os laços que a tornavam instituição do Estado. Observe-se que até o presente o Clero padece dessa preocupação oficialista, estando atualmente dividido entre os que querem compor com o status social e político e os que reivindicam os riscos da liberdade para a quebra dos padrões vigentes. Depois veio a ameaça do laicismo e do protestantismo, que despertou certa agressividade apostólica. A ameaça do comunismo provocou a ofensiva no campo social, aliás começada anteriormente por bispos como D. Cabral, segundo vimos. Por último, sob o impulso do Concílio, a Igreja entrou na crise de modernização que a conduz a rever valores consagrados por séculos de sua experiência histórica. A ação de D. Cabral se situa nos inícios dessa dinamização. Ele é um dos precursores, contemporâneo de Jackson de Figueirêdo, Leonel Franca, de D. Sebastião Leme, um pouco posterior ao Pe. Júlio Maria. O sentido apologético dominava o pensamento e a ação dos líderes eclesiais àquela época. Queria-se mostrar aos descrentes, aos dissidentes e aos céticos, as excelências da Igreja e sua capacidade de resolver problemas, utilizando para isso as formas de convicção próprias daquêles tipos de pessoas. A posição de D. Cabral só escapa a essa classificação pela sua insistência no valor da Eucaristia. A partir de 1940 e em grande parte devido a elementos do Clero belo-horizontino, assim como aos beneditinos do Rio e ao nosso D. Mário Vilas Boas, a pastoral propugnada diria respeito ao aprofundamento da teologia e da vivência comunitária cristã. Em setores mais jovens, tomamos hoje outra direção para ressaltar o aspecto humano e a espiritualidade temporal da Igreja, como força renovadora inserida no mundo.

Como observa o Pe. Taitson, o pensamento de D. Cabral, expresso nas cartas pastorais, gira em torno aos seguintes temas: mistério eucarístico, vocações sacerdotais, santificação do Clero. Poderia acrescentar: o apostolado. Na Carta Pastoral de Natal dizia: "Sus citar a vida eucarística onde, por desdita, não seja conhecida; fomentar, desenvolver, multiplicar as obras eucarísticas existentes; despertar, derramar, radicar em todas as inteligências e em todos os corações o conhecimento e o gosto do sublime e delicioso manjar das consciências, eis o empenho de nosso apostolado, eis o objetivo de nossas fadigas, o mais luminoso e vibrante testemunho de nosso paternal amor". E adiante declarava: "Longe da Eucaristia não há

vida verdadeiramente sobrenatural, vida interior". E a consequência principal do sacramento afirmava ser a de "instalar nos cristãos esse amor divino de irmãos, amor que os afasta do apego aos bens do mundo". Dirigindo-se ao Clero, encontrava por melhor título para seus padres o de ministros da Eucaristia. E acrescentava: "Em nossos dias, com sobradas razões, muito se tem repetido esta palavra — ação. Os múltiplos interesses da causa de Deus exigem, de quantos o amam, a iniciativa de novas obras de ação social que coloquem o padre em contacto frequente com o povo. É mistér ir ao povo. Mas porque seja eficaz esta aproximação, torna-se indispensável que o padre se revista de Jesus Cristo, sendo, em uma palavra, homem de vida interior". Entendo que, se retirarmos o sentido apologético das palavras de D. Antônio Cabral, elas são justas e até oportunas. Já dissemos que certos grupos, a partir de 1940 insistiram com acerto na necessidade da vida contemplativa, de oração e de participação sacramental. Muitos desses grupos cometeram o êrro de se tornarem míopes diante da realidade política-social. Isso deu oportunidade a surgirem outros grupos famintos de ação e de implantação no mundo das exigências éticas e políticas do cristianismo, apesar de deixarem de valorizar convenientemente a vida mística. Ora, D. Cabral já nos apontava a solução: o agir do cristão é o agir de um homem cheio de vida interior. Fora disso, há apenas agitação e levantamento de castelos de areia.

No pastoral de saudação a Belo Horizonte, começa D. Cabral a evoluir de sua posição nitidamente apologética, pois declara que a pregação deverá versar, segundo o Cardeal Mercier, sobre "o mistério da vida sobrenatural na sua majestosa grandeza". Esse sentido de objetividade, o padre deve levá-lo também à ação. Sé a sociedade exige reformas, "cabe estudá-las ao clarão dos ensinamentos da Igreja executá-las sob os moldes do Evangelho".

Por seus conceitos e por suas obras, merece D. Cabral um lugar de destaque na história religiosa do Brasil. Êle muito viveu, mas lamentavelmnte não pode presidir de modo etetivo aos destinos de sua Arquidiocese na turbulenta década em que estamos. Vítima de um derrame cerebral, ficou afastado da atividade vários anos, vindo a falecer a 15 de novembro de 1967, na cidade de Belo Horizonté, a que dera a maior parte de sua vida apostólica.

O exemplo desses dois sergipanos, Ivo do Prado e Antônio Cabral, creio que merecem meditados pelos que hoje cultivam as letras e o pensamento. Longe de imitar suas atitudes passageiras, impõe-se, segundo meu ver, segui-los no ir e vir do pensamento à ação. Sou dos que julgam os valores poéticos independentes da função histórica que desempenham. Os critérios da beleza não correspondem aos critérios da bondade da ação. Porém, os poetas, os artistas, os letrados, são homens e cidadãos. Nessa qualidade estão sujeitos aos imperativos éticos e políticos. Aliás, todo poeta vai buscar a inspiração do que produz na experiência de sua sensibilidade e esta é historicamente condicionada. Vivemos na época da grande crise brasileira. Todos os observadores proclamam as imensas possibilidades do Brasil e especialmente a força e a louçania da sua cultura popular. Os poetas e artistas de modo geral sempre foram mais receptivos a ela que os letrados, pejados de cultura intelectual européia e agora norte-americana. Mas esse momento que vivemos é decisivo e é o das grandes definições para o futuro. O Brasil maduro irá cristalizar os estilos de pensamento e existência que forem delineados no correr dessa crise fundamental. Por isso, os intelectuais, que são a consciência reflexiva do povo, terão de desempenhar o papel diretivo que a natureza das cousas põe em suas mãos. Ai deles se falharem e se deixarem estiolar-se a seiva criadora da nossa gente! Por culpa dos líderes intelectuais, o Brasil poderá ser um mundo de promessas jamais cumpridas.

Filósofos, como Platão e Augusto Comte, entregaram aos homens de saber a direção da cidade. O seu sonho nunca se cumpriu, salvo se excetuarmos certas sociedades estratificadas, como a do Tibet budista, cujos sábios são também homens vocacionados à santidade. Mas, de um modo diferente, nas nações ocidentais, os homens da ciência e pensamento têm sido os governantes. Não porque se intrometam nos negócios políticos. Podem fazê-lo acidentalmente. Eles comandam sem sair de seu próprio campo; investigando a natureza e a sociedade, sonhando belos pensamentos, produzindo versos, trechos de música e obras de arte plástica, refletindo sobre os mistérios do ser. Isso lhes foi possível porque as sociedades ocidentais lhes asseguraram relativa liberdade. Apesar da concepção autoritária em matéria religiosa e política, vigente até o século XIX, ora os teó-

logos, ora os filósofos, ora os poetas, puderam dedicar-se a suas tarefas sem grandes opressões.

O Brasil precisa atualmente mais do que nunca de ser respeitada essa liberdade criadora. Quanto falo em tal respeito, não me refiro apenas à ausência de censura governamental, mas a uma série de medidas que permitam ao intelectual ter segurança e de que a expressão do pensamento não significará restrições políticas, econômicas ou sociais. A formação desse clima de liberdade não é somente obra do Governo, mas da sociedade toda. A nossa coletividade regional, por exemplo, é infensa à ação da inteligência, em primeiro lugar, por indiferença, fruto do atraso e do baixo nível cultural. Há também outra série de peias à criação livre.

Dessas pressões locais se ressentem, por exemplo, a Academia. Não somente aqui, como em muitos outros lugares. Para isso, contribui a manutenção de um costume que data de século XVII e que é sobrevivência de uma época aristocrática. É praxe que os candidatos à Academia solicitem aos chamados imortais o voto favorável! Exigência humilhante e ao mesmo tempo, em meios como o nosso, forma de pressão sobre os acadêmicos. Nem toda coação é a da força. Há também a da amizade, do parentesco, da gratidão e até mesmo a que provem do receio de prejudicar interesses. Insurjo-me pois contra esse mal costume, pois tenho agora possibilidade de contribuir para seu desaparecimento. Por isso, proponho-me a não receber pedidos de candidatos, considerando-os uma tentativa de coação. Negarei meu voto a todo aquele que o pedir, mesmo pessoa de mérito, para salvaguardar a liberdade de decisão. Tenho por hábito cumprir os meus propósitos. Não pretendo deles me afastar.

É uma inversão de valores, de graves resultados, pretenderem os homens de mando traçar normas ao pensamento e a arte, que somente vicejam com a ajuda da espontaneidade do coração e da soltura da imaginação. Essa liberdade, porém, implica na grande responsabilidade de seriedade no cultivo dessas atividades superiores.

Hoje, no meio universitário, ou no modo como os governantes tratam o meio universitário, há preocupação de impor sistema de trabalho semelhante ao do trabalhador braçal, como diz o nosso conterrâneo Fernando Porto. Horas rigidamente delineadas, ponto assinalado, relatos burocráticos, etc. Esse regime pode ser válido para o

técnico, que, enquanto tal, limita-se a aplicar pensamento e fórmulas. Sua função, embora mental, é simplesmente executiva. Não é isso o que se passa com o cientista, o poeta, o professor e o filósofo. Eles precisam de liberdade de movimentos, de descanso do espírito, de tempo para imaginar e meditar. A burocracia mata-os e gera neles um ódio profundo ao seu próprio trabalho, enquadrado por técnicos tacanhos, que não têm grandeza d'alma. Esse sistema é mais uma das infelizes imitações da sociedade tecnocrática norte americana, porém esta sabe tratar de outro modo os seus homens de saber.

No momento, a maior parte da produção literária brasileira versa sobre as ciências humanas, fora os trabalhos propriamente literários. Isso é compreensível se considerarmos a natureza da crise nacional. Quase todos esses trabalhos, porém, indicam falta de aprofundamento filosófico. Limitam-se a reproduzir modelos assimilados sem a suficiente reflexão crítica. Há razões para isso na deformidade da tradição escolar brasileira. Por outro lado, não é possível construir solidamente teorias, no campo das ciências humanas, sem uma visão do ser e da existência. Cabe a ela dar organicidade ao pensamento social. Sob esse ponto de vista, é particularmente grave a responsabilidade do intelectual cristão, que possui uma tradição filosófica e teológica, mas que se vê forçado pelo desenvolvimento da ciência e da filosofia a abandonar essa tradição, ficando entregue às ondas, como um navio desgovernado, ou a fazer um esforço de assimilação, bastante difícil e que somente dará resultados valiosos, quando efetuado por grandes espíritos. Isso é fonte de angústia e também convite ao trabalho, embora frequentemente sem êxito, mas que terá o papel de preparar resultados futuros. Não é permitido ao intelectual cristão, segundo julgo, enclausurar-se como uma ostra em posições recebidas, que os progressos do conhecimento da realidade tornaram parcialmente obsoletas.

São essas, prezados companheiros de Academia, as ideias que deposito no pórtico desta Casa. Representam um programa de atividades que gostaria de juntos executarmos. A Academia poderá prestar grandes serviços à cultura sergipana, encarregando-se de estudos e estimulando a livre criação artística de seus membros. É certo que lhe faltam meios para financiar tais trabalhos e pagar ao operário do espírito uma compensação material. Essa é a culpa dos governos

sergipanos até o dia presente. Não têm dado a atenção necessária às instituições que servem às ciências e às letras. A glória de Richelieu foi o ter compreendido o alto sentido político, no sentido justo dessa palavra, da cultura do espírito. Espero que algum Governador sergipano aprenda essa dimensão do estadista.

Resta-nos, prezados confrades, conservar a fidelidade a nós mesmos e a nossa vocação. As dificuldades sejam antes incitações a uma vida mais intensa. Dessa maneira, fortaleceremos a têmpera do nosso caráter e a acuidade de nossas faculdades intelectuais.

Em finalizando meu discurso, quero prestar uma homenagem a todos aqueles, familiares, amigos e mestres, presentes na plasmação de minha personalidade, pelo ensinamento e pela convivência, pela comunicação de vida, nas duras experiências do existir. Problemático existir, cheio, em cada minuto, da participação indizível no que é, na consistência do ser, e cortado, rasgado, frustado, pela morte sucessiva dos segundos. Divididos entre o tempo e a eternidade, vivemos sempre a apresentar uma na outra, espalhando entre os homens palavras de amizade e de confiança, e esperando o encontro com Aquele que nos libertará da angústia. A inteligência é pobre para sondar os mistérios do mundo, mas também é a única forma do mundo que traz promessas de eternidade.

Sim, amigos! Vivamos intensamente e meditemos ainda mais intensamente!

DISCURSO DO ACADÊMICO EMMANUEL FRANCO AO TOMAR POSSE DA CADEIRA N.º 4 DA ACADE- MIA SERGIPANA DE LETRAS EM 26 DE JUNHO DE 1971

Professor João Evangelista Cajueiro — Presidente da ACADE-
MIA SERGIPANA DE LETRAS. —

Senhores Academicos.

Sinto-me feliz e honrado em ter sido aceito como membro desta Academia, na cadeira número 4, cujo patrono é BITTENCOURT SAM-
PAIO e fundador Dr. JOSÉ AUGUSTO DA ROCHA LIMA.

Sinto-me honrado também por ser recepcionado pelo insigne
academico Desembargador Luiz Pereira de Melo, Professor de Intro-
dução a Ciencia do Direito da Faculdade de Direito, da Universidade
Federal de Sergipe. O Desembargador Luiz Pereira de Melo, que rece-
beu a Medalha do Mérito Jurídico, em reconhecimento da pátria aos
seus inúmeros trabalhos publicados sobre Direito, é um nome que
honra a nossa terra, pelo seu trabalho, pela sua inteligencia e pela
sua integridade moral.

Meus senhores:

Um dia nós nascemos. Ainda brincando, nos vamos a escola
aprender as primeiras letras. Com dificuldade aprendemos e penosa-
mente vamos galgando os degraus do curso primário. A cidadezinha
onde nascemos já não nos comporta e temos que nos mudar para
a capital, para poder aprender mais.

Fazemos o exame de admissão e penetramos no curso ginasial.
Durante sete anos temos que aprender cada vez mais e cada vez mais
difícil. São os cinco anos ginasiais e os dois anos complementares.

Quando terminamos, a pequena Capital não nos comporta mais. Temos que nos mudar.

Vamos então para uma Capital maior, para fazer o concurso vestibular e penetrar no curso superior.

Durante quatro anos estudamos na Faculdade. Aprendemos muito. No fim, em uma solenidade como esta recebemos um diploma, um anel e nos despedimos de colegas que nunca mais veremos. Temos agora armas e bagagens para enfrentar a dura luta da vida.

Com o mesmo ardor de sempre vamos levando a vida e vencendo. Um dia, surpresos, já além do meio da existência nós vemos a nossa frente, uma porta e nela entramos. E quando procuramos saber onde estamos, com surpresas descobrimos que estamos na Academia Sergipana de Letras, o órgão da inteligência desta terra. Procuramos saber o que fizemos para aqui chegar. E vemos que trabalhamos, estudamos, escrevemos. Bastaram estas coisas para aqui chegarmos.

Esquecemos do esforço tremendo que fizemos. Das angústias que passamos. Das esperanças que malograram. Rugas surgiram no rosto. Cabelos brancos substituíram os negros. O ímpeto foi amortecido. Mas, nos julgamos recompensados.

Estudando os problemas agrícolas de Sergipe e dos Estados e países por onde andei e ciências biológicas com os seus problemas afins, procurei sempre, chegar ao fundo dos problemas, para resolvê-los. Não desejando passar pela vida como um poço de sabedoria, cujas águas não molhassem as terras e que os raios do sol poderiam secar, procurei ser um pequeno curso de água, cujos conhecimentos seriam divulgados a medida que os meus estudos iam desvendando, como as águas do curso de água iam banhando as terras. Lembrando-me do ensinamento do pensador romano, que dizia que só viveu quem passou pela vida e fez tres coisas.

Plantar uma árvore
Escrever um livro
Deixar um filho

Eu me juro ter bem vivido, porque plantei muitas árvores, escrevi alguns livros e tenho quatro filhos. Dou graças a Deus por me ter dado a graça de tudo isto fazer.

O que estudei e o que escrevi, parece fugir um pouco da área abrangida pela Academia Sergipana de Letras. Não escrevi poemas nem sonetos. Não publiquei romances, nem livros em prosa. Mas, escrevi biografias. Biografias de regiões, de plantas, de insetos e de vermes. Usei um linguajar descritivo e direto que não se distancia muito dos maçantes livros de Victor Hugo, Dostoiewsky e Spengler. Usei o linguajar científico.

Antes de mim, a Academia Sergipana de Letras admitiu em seu seio, Mestres no Bisturi e na medicina. Poderá admitir também, artistas do palco, inventores e homens que se projetam na vida pela grande contribuição que fizeram para o bem comum. Homens imaginativos e criativos. Homens que sobressairam dentro do meio vencendo a inércia do ambiente.

É do bojo da Academia Sergipana de Letras, que devem sair a Academia Sergipana de Ciências e a Academia Sergipana de Artes. Em nossa época, a poesia e a prosa estão deixando de ser apenas expressas pela linguagem falada e escrita, para serem expressas, também, em linguagem percebida pelos outros nossos sentidos. Cabe então, a Academia Sergipana de Letras, acolher os pioneiros e dirigi-los depois para a criação de novas Academias, que venham expressar o dinamismo de uma época. Todas serão filhas desta Academia e certamente serão gratas, porque ela soube desempenhar o seu papel. Na sociedade humana, o elemento parasitário, o homem, assumiu a liderança sobre o elemento mais importante, a mulher e construiu a sociedade a seu modo. Na sua longa luta para restabelecer aquilo que a natureza colocou na face da terra, o domínio do sexo feminino sobre o masculino, porque o sexo feminino somente necessita do sexo masculino no rápido contato reprodutivo, estamos vendo a mulher ascendendo em todos os campos do conhecimento. Mais ainda elas chegarão, quando o vestuário não mais distinguir o homem da mulher e tivermos que usar o ornamento de masculinidade dos homens pré-históricos, a barba, para distinguir o sexo masculino do sexo feminino.

A Academia Sergipana de Letras não pode impedir a passagem dos anos. O tempo, é o mais importante fator da natureza. Por isto, em futuro não distante, as mulheres cultas devem se fazer representar

nesta Academia como observadoras e um dia não longínquo, como membros, como nós homens.

O Tempo tudo acaba, as coisas e os homens. Foi o Tempo quem levou do convívio desta Academia, o Professor José Augusto da Rocha Lima, o seu primeiro Presidente. Foi o tempo quem me trouxe aqui para substituí-lo. Para substituir o notável professor de Português do Atheneu Pedro II.

Findava o século XIX. Prudente de Moraes governava este país. Antônio Conselheiro resistia com os jagunços em Canudos, sitiada pelas tropas comandadas pelo marechal Carlos Machado Bitencourt. Euclides da Cunha vivia a epopéia dos sertões, onde sete soldados comiam apenas um litro de farinha e os jagunços morriam, lutando para defenderem os casebres de Canudos e o visionário Antônio Conselheiro. Estamos em 1897. No dia 22 de junho deste ano, no povoado Lagôa Funda, do município de Gararu, nascia José Augusto da Rocha Lima, filho legítimo de Manuel Alves Monteiro da Rocha e D. Laura Alves da Rocha.

O povoado Lagôa Funda, situado na catanga sergipana, estava influenciado pelas mesmas causas que geraram Canudos: Civilização pastoril, região árida, onde a seca era apenas uma constante com todos os seus males e os mesmos tipos humanos. Brancos descendentes de galegos portugueses índios já civilizados, mamelucos e cafuzos. O espírito religioso era forte.

Indo seus pais, que eram pobres, morar em Gararu, José Augusto da Rocha Lima, o Juca, como era carinhosamente chamado, fugia de gatinhas de sua casa para a casa da Matrona, D. Maria dá Glória Gonçalves de Lima e do seu filho, Padre Francisco Gonçalves de Lima, então vigário daquela freguesia. Logo mais tornou-se filho adotivo daquela senhora de alma bondosa e simples, profetisando naquela criança um futuro apóstolo de Cristo.

Cercando-o de cuidados especiais, vi-o desenvolver-se em tamanho e inteligência e, decorridos os anos, sacerdote substituto do seu filho.

De igual passo, toda a família de Juca ficou enraizada aos Gonçalves de Lima, vindo depois, com a remoção do Padre Francisco Gonçalves de Lima para Aracaju, em companhia de D. Glória (mãe Dóia), assim chamada pelo pequenino Juca, sua irmã mais velha e

sucessivamente, sua mãe, já viúva e demais irmãos. Todos estudaram, se projetando no magistério em Sergipe e um deles, Manfredo, na carreira Militar.

Crescendo em meio religioso, José Augusto foi mostrando vocação para o sacerdócio. Em 1914, foi encaminhado para o tradicional Seminário de Santa Tereza, de Salvador. Aí fez o curso de humanidades e filosofia, revelando-se sempre aplicado e ótimo aluno.

Em 1914, com a abertura e fundação do novo seminário de Aracaju obra incomparável e meritória de D. José Tomaz Gomes da Silva, o seminarista sergipano passou imediatamente a fazer parte da grande casa de estudos superiores que se abria no nosso Estado.

Não foi como aluno, mas, sobretudo como professor, que o clérigo José Augusto passou a distinguir-se dentre seus pares, no novo seminário. Ele e o professor Manoel Cândido dos Santos Pereira, também lente do seminário, formaram uma dupla de grandes mestres que unidos aos professores Alcebiades Paes, Jucundino Andrade, Franco Freire, Abdias Bezerra, Artur Fortes, Costa Filho, Emetério Gouveia, tiveram uma influência capital sobre a formação intelectual da mocidade aracajuana.

Tinha apenas 16 anos quando começou a lecionar sucessivamente Francês, Latim, Português, História, Geografia, Exegese Bíblica e Teologia Dogmática.

Foi ele, José Augusto, quem, no Seminário Sagrado Coração de Jesus fundou a Academia de Santo Tomás de Aquino, de grande influência na formação dos seminaristas dessa época. Tertulias memoráveis, sessões solenes e festivas, conferências eruditas, mensalmente se realizavam com participação do mundo intelectual da cidade. Ele soube transmitir aos seus discípulos e colegas o gosto pelas letras clássicas, de tal jeito que, lhes eram familiares as maiores expressões do mundo literário e científico. Assim se formaram os jovens e futuros padres de Sergipe. Trazia em dia todo o movimento da Igreja, através do "Osservatore Romano", órgão oficial da Santa Sé. Era o expoente máximo do clero sergipano. Afastando-se do meio eclesástico, deixou nas suas fileiras vácuo muito sensível. Nunca, porém, perdeu a fé.

Conservou o mesmo espírito brilhante, iluminado pelos princípios evangélicos e pela filosofia tomística.

Formou-se em direito, fazendo curso brilhante. As férias do seminarista José Augusto, passava-as em Santana do Ipanema, Alagoas, na residência do casal Coronel Manoel Rodrigues da Rocha e D. Maria Isabel do qual era afilhado. Sinhá Mimosa, era filha da saudosa D. Glória tendo pelo mesmo grande estima. Custeava as despesas de seus estudos e vestiário. Lá, Juca era acolhido como irmão querido. Sua estada no confortável sobrado de 5 portas, iluminado modernamente a acetileno irradiava verdadeira euforia pelo seu espírito criativo.

Programava, com os filhos do casal, que também lhe dedicavam muita afeição, passeios aos pontos pitorescos da cidade sertaneja. As noites, no afinado piano alemão executava belas valsas, letra e música de sua autoria, sempre acompanhado pelo instrumentos, flauta e violão, tocados por Pancrácio e Lourdes, filhos do anfitrião, encontrando naquele ambiente, verdadeiros artistas na família Rodrigues da Rocha. Risos e palmas completavam a euforia do harmonioso casal, aonde retornava anos após anos, até quando tomou a decisão de se desligar do celibato imposto pela Igreja, tornando-se um esposo dedicado e fiel e pai afetivo, não retornando, jamais, a Santana do Ipanema.

Contudo, dentre os familiares dessa tradicional família sertaneja, aqui vemos a senhora Judite Rocha de Oliveira, que conservou a mesma afeição a seu parente pelo coração, tendo sempre em seu lar, franca e distinta acolhida e sincera demonstração de recíproca amizade, pelo saudoso mestre, sua digna esposa e filhos.

José Augusto da Rocha Lima colaborou no Jornal "A Cruzada" do qual foi diretor por algum tempo. Entrou para o magistério oficial a 10 de maio de 1926, nomeado para ler História Geral na Escola Normal Rui Barbosa. Lecionou Literatura nessa Escola, substituindo o titular licenciado, em 1930; bem como, no mesmo ano, o professor de Educação Moral e Cívica. Em 1931 foi comissionado pelo Governo do Estado para estudar os processos de ensino, então ensaiados pelo Dr. Lourenço Filho na Instrução Pública de São Paulo, apresentando ao voltar um Relatório que o governo do Estado fez imprimir na Imprensa Oficial.

A 31 de julho de 1931 foi nomeado em Comissão, Assistente Técnico Geral da Diretoria de Instrução Pública, função que desem-

penhou até junho de 1942, data em que obteve a exoneração que solicitara.

A 7 de fevereiro de 1936, foi nomeado membro efetivo do Conselho de Educação do Estado.

A 30 de abril do mesmo ano, foi contratado para reger a cadeira de Pedologia, Psicologia e Pedagogia, do Curso de Aperfeiçoamento para Professores Primários. A 3 de novembro de 1936, substituiu o professor de Literatura, licenciado. Em 3 de abril de 1937, foi designado em Comissão, para reger a cadeira de Psicologia, das secções Pre-politécnica, Pre-medica e Pre-jurídica, do Curso Complementar do Ateneu Pedro II. A 1.º de Junho, foi designado para orientar o ensino de Português na Escola Normal Rui Barbosa, em Portaria do Diretor Geral do Departamento de Educação.

A 12 de abril de 1938, foi transferido da cadeira de História Geral, para a de Português, da Escola Normal Rui Barbosa. A 25 de janeiro de 1939, foi nomeado membro do Conselho Consultivo da Educação. A 2 de agosto, foi provido em caráter efetivo na cadeira de Francês, do Ateneu Pedro II, que voltou a ter seu nome primitivo.

No ano de 1940, lecionou Latim na 2.ª Série do curso Pre-jurídico, do Curso Complementar do Ateneu Sergipense, bem como Português, na 4.ª Série do Curso Fundamental.

A 25 de junho de 1942, foi nomeado, em comissão, Diretor do Colégio de Sergipe, função em que serviu até fevereiro de 1944. Em 1943, designado pelo Departamento de Educação, lecionou literatura à 2.ª série do Curso Classico do mesmo Colégio.

Foi examinador em concurso de História e de Latim, para provimento de catedras, no Instituto Pedagógico Rui Barbosa e em concurso de Português, duas vezes, de Francês, de História e de Geografia, no Colégio Estadual de Sergipe, igualmente para provimento de catedras, para fins de registro de professores secundários, foi examinador de latim e de português neste último estabelecimento.

Foi sócio fundador e primeiro Presidente da Academia Sergipana de Letras, presidencia que teve reeleição. Foi Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, nos bienios de 1942 a 1945, recusando nova reeleição, para que outros socios, também merecedores da distinção, fossem também distinguidos com a função de Presidente.

Além de várias publicações na imprensa de Aracaju, escreveu e publicou:

- Relatório impresso na Imprensa Oficial.
- Discurso de recepção ao Dr. Costa Filho, na Academia Sergipana de Letras.
- Os pais na vida Moderna.
- Getúlio Vargas, o problema do Ensino Primário e o Ensino Secundário.

Estes dois últimos trabalhos, impressos na Imprensa Oficial, sem designação do nome do autor, foram contribuição do Departamento de Educação, para um Conclave de Interventores do Norte, no Recife, em 1940, mas, republicado com o nome do autor, no Sergipe-Jornal, em junho de 1941.

Por iniciativa do Professor José Augusto, foi fundado em Aracaju, em 1946, uma Sociedade de Cultura Franco-Brasileira, da qual era Secretário Geral.

Lembro-me ainda do Professor José Augusto em suas aulas de Psicologia, no curso Pre-politécnico, no Ateneu Pedro II. Alto, meio recurvado, com sua basta cabeleira negra sentava-se na cadeira de professor e se notava as suas pernas longas, seus pés e suas mãos grandes. Retirava o lenço branco do bolso, assoava o nariz e começava a aula. Discorria sobre Psicologia, Filosofia ou Logica, atraindo a atenção de todos os seus alunos, que reconheciam o valor e a competência do grande mestre. Meus irmãos, Renato, Josefina e Maria Lúcia, meus colegas de ano no Ateneu, embora não colegas de turma, foram seus alunos também de Francês.

Neste tempo, 1937-1938, brilhavam grandes mestres como Abdias Bezerra, Artur Fortes, Padre Avelar Brandão, Oscar Nascimento, Garcia Moreno e José Augusto.

O professor José Augusto escreveu quatro trabalhos que merecem citação, porque resistem a ação do tempo.

Estudando as origens de Sergipe e da Bahia, ele reconhece três fases na existencia colonial da Bahia e nas suas consequencias relativas ao território, ao povoamento e a administração de Sergipe.

A primeira fase, é aquela em que a Capitania da Bahia foi doada por D. João III a Francisco Pereira Coutinho. Pelo foral do Rei de Portugal, datado de 26 de agosto de 1534, a capitania teria 50 leguas de terra na costa do Brasil "as quais começarão na parte do Rio S. Francisco que correm para o sul até a parte da Bahia de Todos os Santos" como está textualmente escrito. O território sergipano fazia parte desta Capitania.

A tragédia da Capitania de Francisco Pereira Coutinho, sugeriu ao governo real, a criação do governo Geral do Brasil. Funda-se então a Capitania Geral da Bahia, centro da nova colônia e para cá vem Tomé de Souza, que lança os alicerces do nosso país. Para constituir a nova Capitania Geral, o rei de Portugal adquire a Manoel Coutinho, filho de Francisco Pereira Coutinho, os direitos hereditários da capitania que herdara do seu pai, a troco de um padrão de 400\$00 de juros por ano segundo Warnhagen. Em 16 de agosto de 1576, a Capitania revertida à Corôa, toma o nome de Capitania de Sergipe d'El-Rei, denominação dada por Felipe II, rei do mundo ibérico e em cujas terras o sol nunca se punha. Somente em 1590, é que Cristóvão de Barros conquista esta terra e funda a cidade de S. Cristóvão.

A segunda fase da história da Bahia, inicia-se quando a Bahia se torna a sede do governo Geral do Brasil. Sergipe é uma capitania como as demais do Brasil. Desde esse tempo, oscilaram os limites litorâneos entre a Capitania Geral da Bahia e a Capitania de Sergipe d'El-Rei, segundo José Augusto. A portaria régia traça os limites entre a comarca da Bahia e a comarca de Sergipe, em Itapoã, em 13 de julho de 1696. Em 27 de abril de 1729, outra carta régia, muda para o Rio Subauna, mais ao norte.

A terceira fase da Bahia colonial, foi aquela que se seguiu a mudança da capital para o Rio de Janeiro. Para compensar o golpe sofrido pela Bahia, o tino político do Marquez de Pombal, deu a Bahia uma posição excepcional, tornando-a o centro de um grupo de capitanias, que foram as capitanias de Ilhéus, Porto Seguro e Sergipe d'El-Rei.

Foi devido a terceira fase, que a Bahia procurou impedir a nossa autonomia, mesmo depois da Carta Régia de D. João VI, de 8 de julho de 1820.

O Professor José Augusto da Rocha Lima foi quem proferiu o discurso de saudação ao Acadêmico João Evangelista Cajueiro, atual Presidente, por ocasião de sua posse nesta Academia. Neste discurso, ele é sentimental, ele recorda o passado e diz:

“Sou sergipano, filho do município de Gararu, terra a que até hoje não pude fazer bem algum, terra historicamente esquecida na distribuição dos benefícios coletivos, mas, terra que muito amo e quísera felicitar, se em minhas mãos estivera realizar tudo aquilo que sonho.

Se pelo nascimento e pela linha da família materna tudo me prende a Sergipe, pelo lado da família paterna fortes vínculos prendem-me ao Estado de Alagoas. Demais, quem vive à margem do S. Francisco não pode resistir ao rio: tem os olhos sempre fitos nas águas e nas margens opostas. Levei minha infância olhando para Alagoas. Lá fiz minhas primeiras viagens, percorrendo as estradas de Pão de Açúcar e Santana do Ipanema. Fora da terra natal, as primeiras alegrias do coração encontrei-as no sertão alagoano. Ainda hoje perduram amizades, vindas daqueles tempos longínquos, sentimentos de gratidão imperecível que zeloso guardo no relicário do coração. Ainda hoje relembro o grande espírito de Manuel Rodrigues da Rocha, talvez depois de Delmiro Gouveia o maior pioneiro dos sertões alagoanos, homem de ação e ao mesmo tempo um coração encantado pela beleza da arte e pela grandeza da civilização. Toda esta devoção conservo-a em minha alma como um patrimônio de ordem moral, que não trocaria por nenhuma vantagem material do mundo.

Como vêdes, senhores, não falo de Alagoas como um viajante comum ou um turista envaidecido que se deu ao luxo de percorrer terras, mas qual um romeiro ou peregrino que se recorda e fala da Terra Santa...

Passando mais tarde a residir com os meus, após o grande golpe da orfandade, em Penedo, então vasto empório do baixo S. Francisco, aí encontrei meu primeiro mestre, Higino Belo, no famoso Colégio II de janeiro. Bons camaradas aí tive e dos sergipanos que lá estudavam, recordo com estima Oscar Nascimento, Eronides de Carvalho e Antão Correia.

Perdoai-me, se num discurso acadêmico, esquecendo o solene da praxe, vou descendo a minúcias da vida privada, acentuando traços do passado que tão indelevelmente se me gravaram na alma.

Por volta de 1908, Penedo era sem dúvida uma cidade de intenso movimento comercial e social. Quando lá desembarquei, numa quinta-feira de sol estival, deslumbrei-me com o casario alto, sobrados de dois andares, com os navios, barcaças e canôas que coalhavam o pôrto, com as igrejas, com o extenso convento, com as residências sumptuosas, a de Sizino Barreiros, por exemplo, sergipano opulento, havia algum tempo falecido.

O menino, vindo das pacatas vilas do sertão, experimentou uma emoção de surpresas e de tencantamento. Aí vivi alguns anos. Aí se me revelou o mundo do espírito na poesia de Sabino Romariz, na música de Manuel Baixo, na vida espiritual de Moreno Brandão, na erudição do cônego Ribeiro e nas atividades educativas de Higinio Belo.

Sergipano e como tal conhecido, nunca fui por isso desprezado, antes alvo constante de distinções que ainda me consolam e naquele tempo me impeliam a avançar nos estudos e no saber.

Em 1945, voltei a rever Penedo, a cidade onde Maurício de Nassau sonhou levantar um pedestal indestrutível que firmasse para sempre as linhas do império colonial batavo no sul do Novo Mundo. E senti algo parecido àquilo do soneto = "REVENDO A CASA PATERNA", do meigo Guimarães Júnior.

Ao invés da cidade animada e viva, trepidante e festiva, que deixei no dealbar da mocidade, encontrei uma cidade esmaecida, talvez mais cuidada e asseada, mas, triste, sem movimento, como se uma ancilose lhe houvesse entravado os membros e uma precocé velhice lhe tivera engelhado as faces.

E doe-me aquêl torpor e pensei até, desconfiado, que a causa da diferença observada fossem meus olhos vendo o mundo, não mais com o prisma maravilhoso dos primeiros anos, mas, com as lentes realistas da idade madura, sem iris de fantasia, sem a policromia dos devaneios. Mas, confesso que desejei vêr engrandécida aquela terra de tradição, aquele monumento do passado nacional".

O educador José Augusto pronunciou em 1.º de março de 1958, a Aula Inaugural no Colégio N. S.ª Auxiliadora, em Salvador, Bahia,

onde já residia. Ele escreveu: "Temos uma missão a cumprir: aprimorar o nosso espírito e preparar-nos para as várias tarefas que o futuro nos vai deparar... Para isso, nós, professores, temos que nos empenhar a fundo... Nos tempos que correm, não é tão fácil a empresa. Contra nós conspiram os atrativos de uma civilização materialista, que só acena com gozos à mocidade e forceja por incapacitá-la e cortar-lhe as asas para os alevantados rumos do espírito... Quando aqui entrei pela primeira vez, li na saleta onde se reúnem os professores antes das aulas, estas palavras "Se não amais, por instinto, a juventude, se não sentis ternura para com elas, se os encantos dessa idade não vos atraem, se seus defeitos e suas fraquezas não vos interessam, então retirai-vos, porque este não é o vosso meio".

Disse José Augusto "É preciso amar a mocidade, porque só este amor dará ao mestre olhos para ver-lhe e compreender-lhe os problemas, as necessidades e angústias..." Santo Agostinho insistia nessa verdade, quando asseverava que quando se ama, não se sofre, e mesmo que se sofra, ama-se o sofrimento. Dizia em outra passagem: "Amai e realizai quanto quiserdes". Os velhos escolásticos diziam: Amar é querer o bem para alguém.

A argila sobre que trabalhamos, é a natureza humana. São impotentes para atingí-la as técnicas puramente materiais, quando não insufladas pelo espírito criador. O valor da educação aquilata-se sobre tudo pelo potencial de energia espiritual em cada homem, de modo que este seja cada vez mais homem e menos bruto, mais inteligência e menos instinto, mais espírito e menos corpo.

Em nossos tristes tempos de egoísmo e sensualidade, urge revitalizar o espírito, cultivar o espírito, falar no espírito, insistir no espírito, porque só no espírito temos a salvação.

As artes, sobretudo a música e a pintura, enchem de alegria a alma da juventude, convidando-a sempre a subir as regiões do ideal e a desprender-se das cadeias da animalidade. Mas isso tudo é insuficiente se faltar a educação moral. Este é o apice e o vértice da formação verdadeiramente humana. Se o homem for intelectualmente instruído e ilustrado, mas não tiver a grandeza da virtude, tudo será vão e perdido, tudo perigoso e falso.

O mundo está cheio de ciência, mas, a humanidade continua a sofrer mais. Os analgésicos e os anestésicos suprimem as pequenas

dores, mas, as grandes aumentam e recrudescem. Urge que a religião e a filosofia tomem na educação o lugar que lhes compete”.

No discurso que pronunciou como Paraninfo nos 25 anos de Missão Educativa do Colégio Jackson de Figueirêdo, José Augusto escreveu “Fui professor desde 1914. A mêdo me confiaram o encargo de ensinar Francês no incipiente Seminário de Aracaju. Tive alunos quase de minha idade: Dr. José Olino de Lima Neto, Monsenhor Antônio de Freitas Melo, professor Jugurta Feitosa Franco e outros cujos nomes preclaros poderia citar. Descobriram que tinha jeito e vocação para ensinar e nunca mais tive descanso. Em fevereiro do ano vindouro (1964) completarei cinquenta anos de magistério. Foi e tem sido longa a trajetória. Tenho discípulos governadores, bispos e arcebispos, senadores e deputados, engenheiros, médicos, advogados e Juizes, comerciantes, industriais e lavradores. Em todas as profissões, Deus louvado, os tenho felizes e prósperos.

Comecei ensinando no Seminário de Aracaju. Em seguida lecionei na antiga Escola Normal Rui Barbosa, no Colégio Tobias Barreto. no velho Ateneu Sergipano, hoje Colégio Estadual de Sergipe. A sociedade precisa de estimar os seus mestres e valorizar suas penosas labutas. Já não é possível, em face do mundo moderno que grita por justiça social, obrigar um pobre homem, carente de recursos para viver, a dar oito, dez ou doze horas por dia.

O que me apressou o desejo de aposentar-me, foi que eu não aguentava (este é o termo convinável) mais este tormento de tantas aulas cotidianas, que me arrebatavam o organismo e me conduziam a sepultura. Este foi o motivo, também, porque procurei à advocacia em Salvador. Minha grande vocação sempre foi o magistério. Urge prestigiar o trabalhador intelectual.

Gloriosa e bela profissão de professor. Foi ela que me prendeu a esta cidade, mais do que outras razões. Aqui fiz amizades imperecíveis, aqui posso dizer sem hiperboles, que deixei metade do coração. E foi com ele a sangrar que saí para a Bahia. Erraria quem supusesse que fui escorraçado pela incompreensão ou pela injustiça dos homens. Nunca, jamais diria como Cipião abandonando Roma: “Ingrata pátria, não possuirás meus ossos”. Não, certamente não.

Aqui tenho os meus melhores amigos, as recordações mais vivas, as grandes consolações que me deixou um passado de trabalho e dedicação.

Li, uma vez, à entrada dum templo de ensino esta sentença de sabedoria oriental: "Passarei por este mundo uma só vez. Assim todas as boas ações que possa praticar e todas as gentilezas que possa dispensar a qualquer ser humano não devem ser adiadas: devo aproveitar este momento pois nunca voltarei a passar por este caminho".

O homem de pensamento não deve ser o animalis homo...

Nosso farol é a nossa propria consciência; é este o último tribunal que nos julga; é a voz de Deus dentro de nós mesmos. É melhor errar, seguindo-a sinceramente, do que condescender com o costume e a tradição...

Sei que isto é uma virtude perigosa. Pensai pela vossa propria cabeça, depois de vos informardes cabalmente, pensando os prós e os contras, mas, decidindo por vós mesmos em última instancia. Isto não quer dizer que se deva desconhecer a autoridade do Estado, ou da Igreja; antes devemos acatá-la conscientemente. A fé é uma obediencia racional, diz São Paulo, não uma aquiescencia cega a tudo o que nos ensinam e inculcem.

Mas, se tendes uma convicção, acrisolada na meditação e no sofrimento, ide com ela corajosamente até as últimas consequências; apaixonai-vos por ela, porque a grandeza de um homem no cenário da história depende da dedicação a uma idéia, do apego a um princípio, do amor a uma doutrina. Os nossos compromissos com o pasado desaparecem, quando nos capacitamos de que o passado é o erro, ou a tradição entrava o verdadeiro bem e progresso da humanidade. Não devemos defende-lo nem ataca-lo a todo o transe".

MEUS SENHORES:

No dia 1.º de junho de 1929, realisava-se a sessão solene e inaugural da Academia Sergipana de Letras, sob a presidencia do Excellentissimo Senhor Coronel Presidente do Estado, o Coronel Francisco Porto, como reza a Ata. A sessão teve lugar às 8 horas da noite mais ou menos, em o vasto salão do Palacete Silva Ribeiro, no Bairro Santo Antonio. Aberta a sessão pelo conêgo José Augusto, foi empossada a diretoria eleita em sessão preparatoria anterior, que ficou assim constituida:

Presidente — José Augusto
Vice-Presidente — Alfeu Rosas
1.º Secretário — Carlos Costa
2.º Secretário — Pires Wynne
Tesoureiro — Santos Melo.

Decorridos já foram 42 anos. Esta Academia resistiu ao passar dos anos.

Sinto-me honrado em pertencer a esta Academia e em substituir o Professor José Augusto.

Terminarei este discurso, repetindo as suas palavras pronunciadas no Centro Sergipano, em Bahia, em março de 1961:

“Imaginaí os martirios desses que partem e talvez não voltem mais. Imaginaí suas saudades, seus paternais penates que abandonam a contragosto. Imaginaí suas esperanças, todo um mundo delas cantando à sua frente como as sereias ou as iaras da lenda. Fortes são os que emigram. Têm uma coragem que nem todos têm. Enfrentam as ciladas e as malquerenças do desconhecido e forasteiros, não podem contar, senão raramente, com a benevolencia dos que vão encontrando nas suas longas peregrinações. Felizes os que, como nós, encontram a doçura da hospitalidade irmã, esta consoladora fraternidade baiana. Então, numa expansão da alma cristã, bendizemos o Senhor pelas estradas que aqui nos conduziram; e, olhando estas cumiadas cheias de monumentais belezas, nos resolvemos a aqui ficar porque esta é a nossa Canaã, este é o termo das nossas romagens; porque, se Sergipe é o nosso berço encantado, a Bahia é “o ninho murmuroso de eterna poesia”, onde se emplumou a prole alvissareira e promissora; porque, se Sergipe foi a nossa fausta alvorada, a Bahia será a nossa tarde repousante e o nosso ocaso luminoso e prenunciador de estrelas”.

DISCURSO DO ACADÊMICO
ANTÔNIO GARCIA FILHO AO RECEBER NA ACADE-
MIA SERGIPANA DE LETRAS O DR. WALTER CAR-
DOSO, OCUPANTE DA CADEIRA N.º 31 EM
30 DE SETEMBRO DE 1971

Excelências

Minhas Senhoras e meus Senhores

Jovens Universitários

Confrades Acadêmicos

PROF. DR. WALTER CARDOSO:

“Como arredor do sol a primeira vez que vistas sua luz
Em solene ordem os planetas apareciam formados
Assim vos foi implantada, à maneira de guia,
A lei que desde então haveis obedecido
Um dia que cantam as sibilas os sábios profetizam:
Assim deveis ser, não podeis evadir-vos”.

Goethe

O discurso não morreu.

É ele a mais completa expressão do pensamento.

Querem aniquilar-lhe a energia potencial, criticando-lhe a forma, o estilo, a emolduração dos seus aspectos, a dramaticidade dos seus impactos, a importância da sua força intrínseca. Querem torná-lo monólogo sem mensagem, estória de eventos corriqueiros, prosa simples, poesia imprecisa, quando, na realidade, é um todo harmônico onde as artes do pensamento equilibram-se continuamente.

Por isto que Wagner, analisando a Nona Sinfonia de Beethoven afirmara que “a sequência do poema musical exige uma conclusão que não pode ser expressa senão pela palavra”.

E veio nos versos de Schiller, para manter o alto padrão cultural e rítmico, humano e espiritual, e sobretudo a universalidade da mensagem:

“Abraçai-vos milhões de sêres”.

E Eleonora Duse, segundo o depoimento de Eduard Schneider, imaginava um teatro sem ornamentos, quasi sem cenários, mas onde se pudesse, “antes de tudo, ouvir e comunicar”.

É que tudo está no Discurso: a forma, o estilo, a prosa, o diálogo, a poesia, a musicalidade, a mensagem histórica, a crítica, os potenciais energéticos a serem captados na apresentação ou leitura, a verdadeira “sinfonia das idéias” que exprime a fôrça da personalidade, unindo ou desunindo Apolo e Dionísio.

* * *

E vós, novel acadêmico, sois orador, como forma intelectual de expressão do pensamento. Nas letras da Ciência e na ciência das Letras.

A literatura pela literatura, perde-se após o momento da contemplação. Como resultante da criação humana terá de ser forçosamente dialética e embora coordenada pelos valores superiores do Homem, sofrerá, por certo, as influências do meio e da tecnologia, ressurgindo da tese e da antítese, gerando, no seu bojo crítico, a caracterização de uma época.

Seria ridículo, para os nossos dias, redescobrir a Amazônia encomendando-se uma lenda a um poeta, apresentando-a como continuidade de uma civilização pre-existente a fim de enaltece-la. Todavia Virgilius, o vate “profeta e mago”, modelo dos épicos latinos, cujo verso era “encimado de estranho clarão”, na exaltação de Victor Hugo, fez descender de Eneias, fugitivo de Troia, a genealogia dos aristocratas do Lácio.

E Eneias assim falou à Venus:

“Saídos da antiga Troia — se o nome Troia chegou aos vossos ouvidos — e empurrados de mar em mar, fomos trazidos, ao acaso, pela tempestade, para estas praias. Sou o piedoso Eneias, que trago comigo, na frota, os penates arrebatados ao inimigo, e cuja fama atingiu o alto éter. Procuro a Itália, pátria da minha estirpe, que vem do grande Júpiter”.

Não quer dizer que poetas também não a decantassem ou escritores não a enaltescessem; porém teriam de fazê-lo, considerando a Amazônia no realismo das suas dificuldades e do seu potencial, planificando o seu aproveitamento na integração pátria. E assim haveriam de surgir escritores da Economia, das ciências geológicas e da política, do planejamento, do folclore e das artes, da pesquisa e do saneamento.

* * *

Médico-escritor e escritor-médico.

Não por que fazeis das letras hobby de quem precisa descansar da árdua profissão, ou por que queirais enaltecer vossos dotes intelectuais. Mas para acentuar a conduta humanística que deve presidir toda atividade social.

Reproduzo a estória que contastes na Revista Brasileira de Medicina em “Reflexões sobre a mortalidade infantil”:

“Certa feita, entrou-nos no Consultório uma mulher do povo, trazendo enrolado em um chale, pequenino sêr humano em decomposição. Examinando-o podemos contar-lhe as costelinhas frágeis, mal cobertas pela pele ressequida. Impressionados, quase indignados, perguntamos a razão daquele estado, porque consentira naquele infanticídio lento... E a pobre mulher, emocionada, confusa, à medida que as lágrimas corriam-lhe dos olhos foi dizendo que entregara o filhinho aos cuidados de uma criadeira, pois precisava trabalhar fora. A criadeira, essa palavra, ficou ressoando nos meus ouvidos com a insistência de um aviso. Por aí se vê que as principais causas da mortalidade infantil se podem resumir na ignorância e na pobreza”.

E não é sòmente na palavra, na letra que mata. mas na ação que vivifica.

Vossa passagem pelo Departamento de Saúde Pública e depois na Secretaria da Saúde do Estado, e atualmente no Hospital de Clínicas "Dr. Augusto Leite" e na Cátedra de Doenças Tropicais da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Federal de Sergipe, imprimiu e imprime a marca da vossa personalidade.

No Hospital começastes por distribuir a justiça entre os colegas e servidores, que a discriminação é o anti-homem, e quando serve para projetar alguns suspeita-se dos seus merecimentos e prejudica os mais capazes e idealistas.

O Direito não é uma dádiva; é um bem aberto a todos que estejam preparados, mediante normas gerais, sem acceção de pessoas. Antes, constitue-se arma para combater os egoistas que esquecendo o valor comunitário da Instituição solapa-lhe o desenvolvimento e o prestígio, impedindo o trabalho em Equipe e o acesso à cultura.

Como Augusto Leite, não vos faltariam talento e preparo para auferir vantagens monetárias; preferis seguir a trilha do grande mestre, e da Medicina enriquecer-vos com a Ciência e a auréola do amor ao próximo.

Daí a vossa luta na implantação do Pronto Socorro e da dinâmica universitária do Hospital, casa de assistência, mas sobretudo, como afirmastes na vossa posse de Diretor, Instituto de Saúde Pública, de Ensino e de Pesquisa.

* * *

Marcado. Predestinado. Jamais direis "missão cumprida" pois tendes delegação universal, dominante na continuidade mendeliana, vivo na militância ou desincorporado na Glória, enquanto os pósteros repetirão a luta em chama que de outros grandes recebestes.

Imortal portanto já éreis.

E de quem recebestes tal missão?

De certo modo a pedistes.

D. Martinho Michler, teólogo do Centro D. Vital, transmitiu-vos a mesma alegria de Felipe:

— Walter eis o Logos.

E vós já estáveis debaixo da Figueira.

Como no quadro a óleo descrito por Soljenitzine, prêmio nobel de Literatura, repetindo no tempo as algemas de Dostoiéwsky, nas sharashkas, nova edição das "casas dos mortos", quadro que ao exprimir a beleza das côres, de Kondrasshev-Ivanov, fixa o momento em que o homem defronta-se com a perfeição do mundo espiritual, ali representado pelo Castelo do Santo Graal:

... "Havia uma ravina profunda entre duas falésias. Encimando-as, à direita e à esquerda, uma floresta, uma floresta espessa e primitiva. Samambaias e moitas de ásperos arbustos invadiam os flancos da falésia. No cume, à esquerda, assomava da floresta um cavalo cinza-claro com um cavaleiro de manto e elmo. ... Mas o homem a cavalo não olhava o abismo. Deslumbrado, fitava os longes, onde uma luz de ouro rubro, vinda talvez do sol talvez de algo mais puro que o sol, inundava o céu ao fundo do Castelo".

Meditáveis:

"O Homem é uma unidade integral sujeito às influências tangíveis ou intangíveis do mundo físico, biológico, cultural e sobrenatural... É a razão de ser dos nossos objetivos".

E o acompanhastes, sem perder o fio das vossas futuras meditações:

É natural que os sanitaristas se voltem contra a pobreza, considerando-a, ao lado da deseducação, os dois maiores obstáculos à ação da saúde pública".

E continuando:

"Sente-se a necessidade de um trabalho organizado, coordenado, homogêneo, harmonioso, obedecendo a uma hierarquia de valores e exigências sociais".

Recebido como um velho conhecido, não precisastes fazer a pergunta natanaélica: "Donde me conheces tu?"

— Da Figueira

Do Grão de Mostarda.

Da Pedra.

Tendes-me como Verbo, Protótipo, Ação, Idéia Universal

E Encarnado.

E Crucificado.

E Ressuscitado.

Como Claudel, em olhando a Cruz:

“A filosofia cristã ensina-nos que a verdadeira ciência é conhecer pelas causas. A verdadeira causa não é o como mas o porquê... mas a razão de ser. Ora, o segundo dos grandes Mandamentos determina que amemos o próximo como a nós mesmos”.

Ou Schmauss:

“Os que amam são, pois, os que hão de salvar o mundo”.

“Que falta nesta cidade? ... Verdade
Que mais por sua desonra?... Honra
Que mais falta, que lhe ponha?... Vergonha.

(Gregório de Matos — Juízo Anatômico da
República — Da era luso-brasileira)

“Oh homem, que fizeste? Tudi brada,
Tua antiga grandeza
De todo se eclipsou; a paz dourada,
A liberdade com ferros se vê prêsa
E a pálida tristeza
Em teu rosto esparzida desfigura
Do Deus, que te criou, a imagem pura”

(Souza Caldas — Ode ao homem selvagem
— Da era pre-romântica)

“Os que amam são, pois, os que hão de salvar o mundo”

“Hoje... cum'lo de maldade
Nem são livres p'ra morrer...
Prende-os a mesma corrente
— Férrea, lúgubre serpente —
Nas rôscas da escravidão
E assim zombando da morte.

Dança a lúgubre coorte,
Ao som do açoite... irisão!...

(Castro Alves — O Navio Negreiro — Da era romântica)

“Não choremos amigo, a mocidade:
Envelheçamos rindo! envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem
Na glória da alegria e da bondade,
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombras e consôlo aos que padecem!”

(Bilac — Velhas Árvores — Do Parnasianismo)

(Os que amam são, pois, os que hão de salvar
o mundo”

“No carvão, escondestes o diamante
E ocultastes as pérolas, sob a água,
e os prázios, sob a areia transitória.
E foi à alma de um negro agonizante
que houvestes a mais pura flor da Mágoa
e a dor mais alta pelo Amor e a Glória!”

(Hermes Fontes — A Lâmpada Velada — Do Simbolismo).

“Eu quero a estrêla da manhã
Onde está a estrêla da manhã?
Meus amigos, meus inimigos
Procurem a estrêla da manhã”

(Manuel Bandeira — Do Modernismo).

“Os que amam são, pois, os que hão de salvar
o mundo”

Oscar Clark, de quem, admirável recipiendário, fizestes elevado necrológio, e dêle recebestes o interêsse pela Medicina Preventiva, na 2.ª Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia, foi também um dos que amaram, como citastes em "Oscar Clark e a Medicina Contemporânea":

... "apóstolos de uma nova religião, da qual tanto depende o futuro do nosso querido Brasil, a proteção ao escolar abandonado. E sobre o templo sagrado que é a escola pública, faria gravar as palavras eternas de Santo Agostinho: o corpo é também uma criação divina".

E Miguel Couto, do qual fostes interno:

"Se toda medicina não está na bondade, menos vale separada dela".

Novamente o tema de Schmauss:

"Os que não amam são, pois, os que não de salvar o mundo"

E não desmerecestes vossos mestres e vos incorporastes aos que amam, e amam com justiça:

"Far-se-ia necessária uma reforma vertical, de alta convergadura, uma mudança dos nossos quadros sociais, uma profunda alteração de estrutura política. E não sei se tudo isso feito, no fim uma verdadeira utopia, realizaríamos os os sonhos de inúmeros idealistas: a unidade do gênero humano, a fraternização do todo, o bem estar coletivo".

Ressalta, todavia em vosso mister, o carinho com que cuidais do problema da criança, especialmente em Sergipe. Varios são os trabalhos científicos, resumbrando olor literário, caracterizando as causas fundamentais do abandono em que, na época, e digamos com coragem, ainda hoje, *mutatis mutandis*, a sociedade impassível assiste, e indiretamente promove, o extermínio do pequeno sêr, imediata ou mediatamente, quer pela falta de planejamnto assistencial a partir da gestação, quer pelas condições de analfabetismo ou econômico-sociais das populações.

Poderieis ter sido um sacerdote tonsurado, a espargir a Doutrina na formação das almas.

Serieis sacerdote, de maneira particular na família, filho extremoso, irmão de muitos cuidados, sobrinho afetuoso; amanstíssimo esposo de D. Antônia Angélica Faro Cardoso, cujo lar Deus abençoou

com os diletos filhos Walter, Angélica-consorte do Eng.º Químico Pedro Linhares e Elisabete — consorte do Dr. Geraldo Prado Mesquita — aureolado de netos que são acordes da cítara de David, mel de Abraão e perfume de nardo.

Renomado médico, culto e sempre atualizado, estudioso dos problemas sanitários que desafiam os poderes constituídos e a comunidade.

Professor universitário de confirmado prestígio entre colegas e estudantes, administrador equilibrado e humano.

Sacerdote sois, de maneira particular.

Depois que estudastes no Paraná e na Guanabara, voltastes para Sergipe Del-Rei, para a formosa Aracaju — menina enfeitada andando de bonde elétrico, com o rio dos saveiros e das barcaças.

Os navios do Ita / apitavam no pôrto / e só de ouvi-los o povo acenava / Adeus comadre / Adeus menina / O colégio do Professor Sezinho marchava nas ruas / e a procissão do Senhor Morto / era um entêrro de verdade / De noite a serenata / Zão de Cula, Nogueira, Argolo, Moraes / Depois Carnera, João Moreira, João Melo, / Jaci, Antônio Garcia, José Sampaio / São João era samba de côco / ganzá e a cuica / pandeiro e um tambor / tamanco no tijolo / Mulher cheirando a flor.

Hoje Aracaju é centenária / e não lhe mata a sêde um rio só / milhares de automóveis pelas ruas / Hotel de luxo, Estação Rodoviária / Suas luzes formam um véu / cintilante de estrêlas / e a gente nem se lembra mais de olhar o céu / Bairros novos vão surgindo / e o baruhu da cidade / esconde o gemer dos pobres / A Atalaia desponta com o sol e a juventude / e o povo esquece a sua dor / Bom dia Aracaju / Bom dia Amor!

* * *

Aqui já encontrais, na justa imortalidade, os velhos carvalhos que o tempo e as tempestades contorcem, porém não conseguem arrancar-lhes as raízes e o tronco.

Augusto Leite, bisturi de ouro da medicina e das letras.

Marcos Ferreira de Jesus, orador e jornalista, espírito de grande oriente em nosso meio.

Hunald Santaflor Cardoso — estilo de Rui, Bevilaqua do Direito em Sergipe.

Mons. Domingos Fonseca, grande orador sacro que tem de Vieira o estilo e de D. Marcos Barbosa a beleza poética.

Pires Winne, amorável e plácido poeta, jurista, historiógrafo e historiador, para quem

“A História, a hoje que se quer, é uma ciência e não fonte de informações num amontoado destituído de senso crítico”.

Epifânio Dórea, o abençoado obreiro.

O encantado e encantador Freire Ribeiro, oriental do amor na mágoa do ocidente:

“Depois partimos, meu amor morremos...
Nas areias natais adormecemos
Dentro da noite que se faz manhã!...”

Hoje voltel ao meu destino incerto
que saudade de ti no meu deserto
sob a paz do luar de Ramadá!...”

João Cajueiro, o Presidente que guardou a chama desta Academia para transmiti-la enriquecida e respeitada.

José da Silva Ribeiro, poeta e professor de altos méritos.

Luiz Magalhães, o Direito pelo Direito, cujos pareceres são acórdãos vasados em estilo de filólogo.

Jorge de Oliveira Neto, criador de almas para as coisas como “frutos do amor, só do amor”:

“Certas Almas de Coisas são tão simples e tão pequenas, como as borboletas e os beija-flores. Adejam somente, sobre a cabeça de quem as criou e as sustenta”.

Zózimo Lima, etopeu do jornalismo sergipano, emérito Presidente desta Academia.

José Olino, latinista e filólogo, o La-Fontaine sergipano.

Severino Uchôa, de vestes talaes na elegância do estilo, calçando no Brasil o chapéu de Couro da sua gente mansa e simples:

“Minha gente eu vou falá
 dos cabôcos brasileiro
 que são pescadô do má,
 Vaqueiros do tabulêro
 jagunço que acaba as fêras
 Sanfonêros dos forró
 Candango das bagacêras
 Campiões de futibó”!

José Silvério Leite Fontes, escritor, jornalista e professor, perseverante da Fé, intransigência católica de Leon Bloy.

Manuel Cabral Machado, estentor que suscita no discurso a pugna das palavras para transmitir vitoriosas as frases acadêmicas.

Luciano José Cabral Duarte, nosso eminente Arcebispo, flama sempre acesa da Fé e da Inteligência, a dobrar melodias de Paz e Esperança, como os sinos de Notre-Dame:

“Somos todos uma refração infiel do Evangelho. Sem dúvida. Mas o Evangelho mesmo, fonte eterna, água de cristal, pureza imaculada, guardará para outros, depois de nós, melhores do que nós, sua veemência, sua vitalidade, sua energia inexaurível. Os homens se cansam de tudo, inclusive dos cristãos. Mas os homens não se cansam de Jesus Cristo”.

Luiz Pereira de Melo, jurista, professor e jornalista, exemplo inquebrantável de harmonia e justiça na Magistratura.

Emanuel Franco, fruto da literatura especializada da Ciência agronômica.

Luiz Garcia, arte literária na legislação, na Política, na advocacia e no Govêrno.

Eunaldo Costa, o humanista da moderna poesia sergipana, que vislumbra a libertação:

“De onde vem êsse canto
 ó minha amada?
 Do rio,
 do vento
 ou do bojo da noite?
 Levanta-te,
 e caminhemos em sua direção”

Gonçalo Rolemberg Leite, mestre do Direito que, na introspecção da sua personalidade, acumula erudição e cultura, que faz explodir na cátedra 'nos pareceres, nas conferências e nos artigos especializados.

Sebrão, Sobrinho, professor, crítico, poeta, historiógrafo, pesquisador:

... "Laranjeiras é a evocativa toponímia da onomástica de um engenho do antigo distrito da Passagem da Igreja de N. S. Imperatriz dos Campos do Rio Real de Cima (então Paraíso, nome de uma fazenda distante), hoje Tobias Barreto..."

Santo Souza, recém-chegado, trazendo, como Eneias, as milenares riquezas de Tróia:

... "Venho dos sons da música eterna,
da primeira palavra proferida
e atravessei caminhos silenciosos
onde se pode ouvir o movimento
da sombra, inquieta,
do tempo, caminhando."

Como Heredia, do qual é renomado tradutor, fulge Clodoaldo de Alencar, como artista da poesia universal:

"Na montra azul do mar, sobre o lençol de argila
que a tintura do lodo há milênios encarde,
— desde que nasce a aurora e morre, em sangue,
[a tarde
sob a equórea pressão a pérola cintila".

Garcia Moreno, pena de ouro e platina, o talento a serviço da cultura:

"Todos, na futura idade do silêncio, terão exclusivamente a linguagem telepática. Só os idiotas falarão, por grave deficiência intelectual. A língua ficará reduzida a simples órgão gustativo e as cordas vocais minguarão numa atrofia fatal. Em câmbio as mulheres serão silenciosamente belas. E os homens, sãbiamente calados".

São êstes, os que aqui residem, que percorrem a estrada da immortalidade, e não sòmente a conquistaram como a mereceram, e assumiram novas responsabilidades, porque a immortalidade não é a immobilidade, está acima do Eros.

N'O Banquete, Platão os dinamiza:

— “O que é, pois, Eros? Será mortal?

— De maneira nenhuma.

— Mas o que é êle, afinal, Diotime?

— É um grande gênio, Sócrates, porque todo gênio está entre o que é mortal e o que é divino.

— E qual a função dos gênios?

— Serem os mensageiros e os intérpretes dos homens para os deuses e dêstes para os homens”.

* * *

Afora os que aqui não mais residem
e emprestam em terras co-irmãs
o brilho dos talentos exportados
tornando-se da arte literária
cultores notòriamente consagrados.
E mais ainda a nova geração
que como as contas luminosas de um rosário
já traz sedimentada a erudição:
Luiz Antônio Barreto e dos Alencar
Luiz Carlos, Hunald, Clodoaldo e Leonardo;
Jackson Cavalcante, João Costa, Ezequiel Monteiro
Os Eduardo Vital e Garcia, Petrônio Gomes e outros
[bardos.
Tambm às mulheres a Academia
as portas deve abrir de par em par
colorindo-se de estrêlas noite e dia

Para receber-vos, em nome de tantos illustres confrades, a palavra deveria ser mais forte que a alegria. Como Tchen, de “La Condition Humaine” de Malraux, je cherche un mot plus fort que joie.
Silêncio, não! pois como versejou Edgard Allan Poe.

“O nosso mundo é feito de mil termos
e chamamos Silêncio a quietude dos ermos
a mais vã das palavras existentes.

Mas Dante, habituado aos eventos surgidos, vez que se encontrava no Paraíso, Canto 24, 9,

“Screver não cabe à pena tanto
Côres não tem palavra ou fantasia
Que exprimam propriamente o doce encanto”

Walter:

Fiquemos com Dante que não nos perderemos, pois além dêle e por causa dêle teremos Virgilius e Beatriz.

Nós vos recebemos com o doce encanto traduzível na honra com que a Academia Sergipana de Letras enriquece hoje sua Galáxia.

Sêde bemvindo!

**DISCURSO DO ACADÊMICO
CLODOALDO DE ALENCAR
AO RECEBER NA ACADEMIA SERGIPANA DE LE-
TRAS O PROF. JOSÉ AMADO NASCIMENTO, OCU-
PANTE DA CADEIRA N.º 6, EM 19 DE NOVEMBRO
DE 1971**

Senhores acadêmicos:

Honra-me, sobretudo, a alta incumbência de receber e saudar, no pórtico imaterial desta Augusta Casa, a figura polimorfa de **JOSÉ AMADO NASCIMENTO**, para substituir, na Cadeira n.º 6, patrocinada por **GUMERSINDO DE ARAUJO BESSA**, um dos máximos expoentes da literatura jurídica nacional, com repercussão que se perpetua, o Poeta, Escritor, Diplomata e Jurista **GILBERTO AMADO**, auto-retrato nestes dois maravilhosos versos decassílabos:

“Eu me assemelho a uma árvore encantada
cujas folhas são pássaros cantando”!

* * *

Mas, senhores, que motivo teria inspirado **JOSÉ AMADO NASCIMENTO** a escolher-me, dentre tantos companheiros capazes, dêste conceituado sodalício, para, protocolarmente, recebê-lo e saudá-lo? Seria influência da Crítica generosa relativamente aos meus trabalhos de aedo provinciano ou de minha resistência de coluna quase única, em Sergipe, do Templo do Parnasianismo, ornado pelos acantos da

Natureza agradecida, como ocorreu com o Templo em ruínas que José-Maria de Heredia maravilhosamente cantou em "L'OUBLI", à entrada de sua única e imperecível obra de arte poemática, que é "LES TROPHEES"? Seria consequência lógica de afinidade espiritual goetheana, ou oriunda de vidas anteriores, na Casa do Pai, "que tem muitas moradas"? Não o sei. Intúo, porém, que o valoroso homem-de-letras que, de agora por diante, integrará a nossa "Ilustre Companhia", além da estima pessoal levou a sério a reportagem, que, por cópia, lhe fornecera, das minhas andanças espirituais pelo mundo das Artes, na tentativa da restauração das esmaecidas telas poéticas do Passado mas que ainda deslumbram os ávidos olhos das élites.

E eis aqui, para ilustração do trecho oratório, o original da supramencionada reportagem. Trata-se do sonêto intitulado

O MENSAGEIRO

·Mensageiro de Gênios do Parnaso,
carrego a tiracolo as obras-primas
irisadas de estrofes e de rimas
e em cujo manuseio me comprazo.

Acostumado aos mais diversos climas,
vou aos Andes e subo ao Chimborazo,
— velho vulcão que, agora, é simples vaso
aberto às rosas siderais opimas.

No relêvo geográfico restante,
da América, também imprimo o rastro
que irei gravar no outro hemisfério adiante.

Mas, antes da partida, me aprofundo
no panorama de onde, em forma de Astro,
HEREDIA se lançou ao Velho Mundo.

De qualquer forma, senhores, aqui me encontro para cumprimento do honroso *desideratum* que, — (franqueza é que se o diga) — se a outrem, mesmo por justiça coubera, tal cabimento a mim me enciumaria, dada a circunstância de minha forte admiração por **JOSÉ AMADO NASCIMENTO**, ao qual me prendem laços de grande estima, desde a adolescência.

* * *

Da Igreja Católica nas belas-artes e nas belas-letas

A Igreja Católica, que não é apenas, uma religião, mas a matriz de tôdas as religiões cristãs, com a sua sabedoria de origem divina esparziu-se em todos os setores da humana atividade, ora o fazendo diretamente, com caráter oficial, ora indiretamente, por intermédio de alguns dos seus Príncipes que tanto a dignificaram também, quando no exercício do Poder Temporal. Com a admissão de Miguel Angelo e Rafael, na decoração interna do Vaticano, perenizou os Gênios da Pintura, de que tanto se orgulham as velhas civilizações na História. Richelieu, Cardeal francês, que foi Ministro de Luiz XIII, de de 1585 a 1642, um dos maiores estadistas da Monarquia da antiga França, Bispo de Luçon, orador do Clero nos Estados Gerais, etc, — entre outros atos revolucionários de sua alta administração adicionou o que criou a Academia Francesa, em 1635, instituição essa que, até hoje, serve de padrão a quase todas as suas congêneres, no mundo. Tenho em que a “Assembléia dos Notáveis”, em pleno funcionamento àquela época, inspirara ao Cardeal Richelieu a bela e intocável “*société de gens de lettres, savants ou d’artistes*”, isto é: inspirara ao Cardeal Richelieu, o maior amigo do beletismo e artes outras, na Pátria de Victor Hugo, a fundação daquele sodalício.

Pois bem: coincidentemente, agora, nesta fase restauradora da Academia Sergipana de Letras, por circunstâncias especiais de economia interna, e equipolente, mesmo, a fundação, surde, entre nós, para melhormente o vermos, senti-lo e admirá-lo, o insigne companheiro há dias empossado nesta corporação espiritual das belas-letas, que não é outro senão Sua Excelência Reverendíssima o Arcebispo Don Luciano José Cabral Duarte, talvez o mais perfeito orador sacro do país e

escritor de quem se poderá dizer, sem receio de errar, aquilo que Ruy Barbosa há mais de meio século disse de extraordinário escritor francês: — “Talha, na pureza das formas consagradas, as finas linhas do seu pensamento”. (Trata-se de Renan). A Academia, porém é democrática, porque democratas são todos os seus membros, inclusive o eminente Príncipe da Igreja, de quem acabo de falar, por isso, senhores acadêmicos, qualquer de nós poderá, na hora de partir para o outro lado da vida, usar do direito de dizer ao Padre confessor estas palavras simples e sinceras do Conde de Cavour, dirigidas ao religioso que o visitava, para conciliá-lo com o Catolicismo, no leito de morte: — “Frate, libera Chiesa in libero stato!”. Como sabeis, o Conde de Cavour promovera a unificação e a soberania dos Estados italianos.

Eu, todavia, não agiria, no último transe, à semelhança do extraordinário estadista italiano: interesseirozinho na solução do problema da salvação de minha alma, agradeceria com um olhar significativo, se já não pudesse falar, ao humilde sacerdote visitante, o gesto cristão de me ajudar a subir até Deus, cujo caminho é um só. Ademais, o Senhor disse aos adeptos de todas as religiões: — “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” — *Ego sunt via, veritas et vita* — repetem os velhos exegetas. Faço esta digressão religiosa, dentro de simples discurso temporal, como advertência fraternal aos que repelem grosseiramente a verdade da religião alheia, e como justa homenagem aos católicos praticantes ultimamente empossados neste conceituado sodalício, entre eles o ilustre clínico Dr. Walter Cardoso, estendendo-a, de já, a JOSÉ AMADO NASCIMENTO, que será mais uma alta peça exornativa do Acadêmico monumento sergipano.

AD IMMORTALITATEM

Há três espécie de imortalidade: — a primeira, de origem divina, que se fundamenta na palavra do Senhor: — “Aquele que crê em mim, ainda que esteja morto viverá”; a segunda é a que é concedida pelas Academias, para que o Homem se perpetue na memória dos pósteros e, a terceira, é a que vem das multidões, isto é: a que é proclamada, una voce, pelo povo, como no caso de Rubén Dario, por exemplo, o maior poeta da língua castelhana, que sempre resistiu à

tentação de ingressar nesses extraordinários cenáculos culturais, chegando ao ponto de, graças ao seu assombroso gráu de genialidade, assumir, na encantadora República de Nicarágua, onde nasceu, proporções, de um deus da Estética poemática no continente, mantendo, admirada e intocável, no estôjo, geográfico da América Central, a valiosa jóia que é a sua Pátria, há mais de um vintênio representada no Brasil pelo ilustre e simpático Don Justino Sansón Balladares, decano dos Embaixadores estrangeiros entre nós e que mandou divulgar, na imprensa nicaraguense, a contribuição de Sergipe — (digo-o de Sergipe, porque a fiz pensando em nós) — à consagração de Rubén Darío, os seguintes sonetos decassilábicos:

EL CÓNDOR RUBÉN DARÍO

Ese Cóndor nació en las montañas
y alzó el vuelo por los continentes,
deslumbrando los pueblos diferentes,
con las coreografías más extrañas.

Transfigurando noches em mañanas,
su vida fue soñar para las gentes.
El Sol y las estrellas más ardientes
no turbaron sus ojos ni entrañas.

Sobre el mundo extendió la sombra inquieta
de las alas. Sus vuelos de poeta
lo premiaron luego con la palma.

Y, al volver, para siempre, enfermo y solo,
lo consagraron nuevo dios Apolo
con Nicaragua espléndida en el alma.

LA PRESENCIA DE RUBÉN DARÍO

En la moldura de arboledo y rosas,
brillan los lagos de belleza rara
y cuya mansedumbre se equipara
a de las almas puras y piadosas.

Ante ellos — los espejos — se prepara
y desfila en las noches silenciosas
la procesión de estrellas tan hermosas
y que del Infinito Dios aclara.

Mas, um milagro súbito se opera
bajo el grave silencio circunstante,
lleno de aromas, por la primavera:

el viento, cariñoso, anima el agua:
— es que DARÍO — alma saudosa y errante —
besa la faz azul de Nicaragua.

* * *

Quanto ao nosso idolatrado **HERMES FONTES**, aedo permanente na faixa de **DARÍO** e cujo melhor intérprete em Sergipe foi o distinto e saudoso confrade **GÓES DUARTE**, perante o qual tive a felicidade de profetizar a ascensão do seu culto e talentoso filho às culminâncias que atingiu, de Arcebispo, — Don Luciano José Cabral Duarte — também integra a gloriosa fila dos que se imortalizaram através das obras consagradas e por vontade direta das multidões. Sobre **HERMES FONTES**, que seria mundialmente conhecido e aplaudido, se escrevera suas obras em castelhano ou francês, o bastante ainda se não disse, no que alude ao seu acendrado patriotismo, revelado em várias das suas produções nacionalistas, como, por exemplo, no seguinte soneto, em que o extraordinário buquinense mostra a visão do Brasil do Futuro. Ei-lo:

No futuro haverá uma linguagem
talvez perpétua, nova com certeza:
flora de sons, clamor da Natureza,
tesouro expressional de idéia e imagem.

Língua feita da união da portuguesa,
com outras, de outros povos, em romagem
na terra virgem e no mar selvagem,
plasma verbal de nova Marselhesa.

Língua afinada no vertiginoso
ritmo do coração americano,
na agitação tentacular da vida.

Canto de atividade e de repouso,
entoando em voz oracular de oceano
a esperança da Terra Prometida...

Pena é que, até agora, o Poder Público não tenha adotado nas escolas o seu magnífico livro de poemas — “DESPERTAR”, no qual os rios pátrios dialogam de maneira harmoniosa e construtiva. Tal livro, aliás, é quase desconhecido em Sergipe.

* * *

A classe especial de imortais pela vontade inarredável das massas esclarecidas é aquela em cujo cortejo está Ruy Barbosa, como o porta-estandarte da Genialidade. Depois de aplaudido pelas élites do mundo inteiro, política e literariamente, com profundo reflexo nos povos sedentos de liberdade e paz, Ruy, num grande gesto de brasilidade e elegância, aceita o ingresso na Academia Brasileira de Letras, de cuja tribuna tantos o chamaram de “mestre”, enquanto que, lá no Exterior, o inesquecível homem público, escritor, professor e orador de primeira plana, Dr. Estanislau Zeballos, assim se pronunciava relativamente à “Águia de Haia”: — “Têm dito críticos autorizados que a mais extraordinária característica da eloquência de Ruy Barbosa é o seu absoluto e elegantíssimo domínio da língua portuguesa. Com

efeito, lendo-o, admiro sempre nele o ático estilista; não puê, porém, ainda, gozar a eufonia desse verbo clássico, porque sempre ele me fala em espanhol e com madrilena correção".

Foi a maneira mais original e inteligente, que já vi, de se elogiar um homem de letras.

Parece, às vêzes, senhores, haver sido Ruy quem inspiraria, mais tarde, a Albert Einstein, o genial físico alemão que, reformando a geometria euclideana, ofereceu ao mundo "La Theorie de la Rélativité", o lógico e profundo conceito de que "o verdadeiro sábio é o único homem profundamente religioso". — Tal asserção vem a propósito do gesto cristão do "Doutor do Regime", como a Ruy denominou o Dr. Maurício Graccho Cardoso, o mais útil dos sergipanos de todos os tempos, quando à hora extrema, na presença do humilde sacerdote que lhe dava assistência, o autor de "O Papa e o Concilio" assim se pronunciou: — "Senhor, tende compaixão dos meus padecimentos!" E, a proposito de Einstein, convém registrar, nesta oportunidade, ter sido o erudito sergipano laranjeirense, General Samuel de Oliveira, quem primeiro, neste país, expoz à altura da inteligência popular a teoria einsteineana da relatividade.

Outros homens se immortalizaram unicamente através dos seus inventos e obras consagradas por todos os povos.

Augusto dos Anjos, o estranho autor de "Eu e outras poesias", figura entre êles. Além de originalíssimo poeta, era profeta de âmbito universal, sem o perceber. Segundo a Crítica mais profunda e minuciosa, chegou êle a ser o precursor do modernismo literário no país. Cantou "a energia intro-atômica liberta" e interpretou o "Lamento das Coisas", antecipando-se ao movimento científico do aproveitamento da energia atômica. Ouçamo-lo:

"Triste, a escutar, pancada por pancada,
a sucessividade dos segundos,
ouço em sons subterrâneos, do orbe oriundos,
o chôro da energia abandonada.

É a dor da fôrça desaproveitada,
o cantochão dos dínamos profundos
que, podendo mover milhões de mundos,
jazem ainda na estática do Nada...

É o soluço da forma ainda imprecisa...
 Da transcendência que se não realiza...
 Da luz que não chegou a ser lampejo...

E é, em suma, o subconsciente aí formidando
 da Natureza que parou, chorando,
 no rudimentarismo do Desejo!"

Tive bastante razão quando, no preâmbulo do meu último livro — “Os Mais Belos Troféus de Heredia”, considerei Augusto dos Anjos o maior poeta científicista do mundo, e hoje acrescento: é o mais original, inclusive na harmonia do verso, e nas imagens.

JORGE AMADO, parente do novel acadêmico **JOSE AMADO NASCIMENTO**, também compõe a classe privilegiada e ímpar dos que entraram diretamente na imortalidade. Sendo um dos mais famosos romancistas de todo o mundo, o seu ingresso na Academia Brasileira de Letras significou, apenas, a homologação da sua qualidade de imortal automático e autêntico, em face das suas magníficas obras, que deslumbraram, de logo, não somente os maiores críticos nacionais e estrangeiros mas também tôdas as massas e élites.

TOBIAS BARRETO E CASTRO ALVES supriram, com seus fulgores, as Academias de Letras, que, à época, ainda não existiam, salvo a chamada “Academia Francesa”, de Fortaleza-Ceára, (1873-1875), excelentemente pesquisada pelo exímio poeta escritor e jornalista **Sânzio de Azevedo**, consoante publicação de pequeno mas utilíssimo livro, por parte da “Casa de José de Alencar”, eficientemente dirigida por êsse acatado intelectual. Entre os fundadores de tal instituição contam-se Tristão de Alencar Araripe, J. Capistrano de Abreu e Tomaz Pompeu de Souza Brasil Filho.

Mas o que é mais interessante nessa procissão de Gênios que se fixaram na História, independentemente de fardão ou insígnia, é o estranho caso de **FÉLIX ARVERS**, o autor do livro de poemas “Mes Heures Perdues”. Nasceu **ARVERS** em Paris, em 23 de julho de 1806 e ali faleceu em 7 de novembro de 1850. A estória de **ARVERS** é longa e, por isso mesmo, não calha bem no bôjo de simples discurso, que já se prolonga, cansando-vos. Seria mais próprio para conferências “longas e derramadas”. Basta dizer que, apenas sobre

o soneto doloroso e profundo, que, mesmo sem título, imortalizou aquele bardo solitário e triste, e comove todas as camadas sociais até hoje, várias obras se têm publicado. No Brasil mesmo, o notável escritor Mello Nóbrega lançou, em 1957, admirável trabalho em torno à encantadora peça arverseana e cujo original é do teor seguinte:

“SONNET

Mon ame a son secret, ma vie a son mystère:
Un amour éternel en un moment conçu.
Le mal est sans espoir, aussi j'ai dû le taire,
Et celle qui l'a fait n'en a jamais rien su.

Helas! j'aurai passé près d'elle inaperçu,
Toujours à ses côtés, et pourtant solitaire,
Et j'aurai jusqu'au bout fait mon temps sur la terre,
N'osant rien demander et n'ayant rien reçu.

Pour elle, quoique Dieu l'ait faite douce et tendre,
Elle ira son chemin, distraite et sans entendre
Ce murmure d'amour élevé sur ses pas.

A l'austère devoir pieusement fidèle,
Elle dira, lisant ces vers tout remplis d'elle:
— “Quelle est donc cette femme?” — et ne
[comprendra pas...”

Não obstante se me atribuir a qualidade de técnico na tradição de poemas escritos em línguas néo-latinas, confesso que me não foi possível traduzir para o vernáculo o célebre soneto de ARVERS, impossibilidade essa, porém, oriunda de questão de princípios: — preferir deixar com o autor da lindíssima peça a desolação que a inspirou, não só por lhe ser privativo o tormento do amor oculto, mas, também, por me não querer acumpliciar com o esparzimento dessa forma de tristeza que a tantos atinge em cheio...

E, dai, eu, que não creio na morte como o fim de tudo, pois fundamentadamente creio na imortalidade da alma, haver endereçado, por via espiritual, a seguinte:

"LETTRE-POÈME A FÉLIX ARVERS

Toute âme porte en soi une obsession profonde
Et, dans la vie, l'horreur d'un mystérieux dilemme.
Tous deux (bien le sais tu) vibrent dans un seconde,
Formant l'inspiration pour le plus beau poème.

En ton sonnet, Arvers, qui émeut encor le monde,
Le phénomène atteint l'amertume suprême.
L'amour qui est pur provient de la source féconde
D'autres incarnations, d'affinité extrême.

Je ne peux pas traduire la douleur des Amants,
Mais quelque poème, Arvers, je décris, sans
[tourments.
L'amour qui fait souffrir est privative marque.

Se tel mal se traduit, s'imite ou s'interprète,
Seulement tu diras, mirant les yeux, mon Poète,
De Dante et de Beatrice et de Laure et Pétrarque!

Tradução:

Toda alma traz consigo um tormento profundo
e, na existência, o horror de um estranho dilema.
Ambos (tu o sabes bem) palpitam num segundo,
formando a inspiração para o mais belo poema.

No teu soneto, Arvers, que ainda comove o mundo,
o fenómeno atinge a amargura suprema.
O amor angelical é geralmente oriundo
de outras encarnações, de afinidade extrema.

Os martírios do Amor, eu não posso vertê-los,
mas os poemas, Arvers, me é fácil descrevê-los.
O amor que faz sofrer é privativa marca.

Se tal dor se traduz, se imita ou se interpreta,
sòmente o dirás tu, olhando o olhar, meu Poeta,
de Dante e de Beatriz e de Laura e Petrarca!"

Tal produção poética (refiro-me à de Arvers, é claro) que subsistirá perpetuamente nova, enquanto na Terra houver o Amor, por vèzes angelical e respeitoso, desde o seu advento vem sendo traduzida para vários idiomas, e ninguém há que, daquela maneira amando e sofrendo, não a tenha de cor e a recite no silêncio da noite, secretamente chorando...

Uma das traduções mais fiéis ao soneto do desolado poeta parisiense é a que se segue, da autoria do exímio poeta e professor baiano Ernani de Menezes. Vejamo-la:

"Tenho dentro em minha alma um segredo guardado,
um grande e eterno amor num momento surgido.
Sem nenhuma esperança o trago sufocado,
daquela que o inspirou nem sequer pressentido.

Ai de mim! Junto dela — e nunca percebido!
Solitário na vida — e vivendo ao seu lado!
E irei até morrer desse amor consumido,
nada ousando pedir, nada tendo alcançado.

E ela apesar de ser tão compassiva e terna,
caminha e não suspeita essa agonia eterna
e o murmúrio de amor que sempre a seguirá.

Fiel ao seu dever, dirá, virtuosa e bela,
deste soneto lendo os versos cheios dela:
— "Que mulher será essa?" — e não compreenderá..."

Senhores acadêmicos:

Tais fenômenos, porém, da imortalização de escritores e poetas, fora do âmbito acadêmico, em nada nos descoroça, nem diminui o valor da Academia que integramos por nosso saber, nossa cultura, nosso talento e nossa sensibilidade estética. Não há propriamente grau de hierarquia entre os escritores em geral, mas simples admiração e respeito. Se não somos Gênios como aqueles confrades sobre os quais acabei de dissertar, sendo exceção à regra, portanto, a genialidade no Homem, é que se trata de privilégio divino a quem melhormente se haja dignificado perante Deus, que é onisciente, onipresente e onipotente. Mas nós, distintos colegas, também somos imortais.

A Academia Sergipana de Letras, composta da fina flor cultural do Estado, qual a qual dos companheiros brilhando em seu setor, sem tendências ao arquivamento do mistér, também nos oferece a imortalidade que, no no fundo, não difere daquela inerente aos deuses e aos heróis esculpturados por Phídias na monumental decoração do Parthenon.

E, agora, seletíssimo auditório, chegou o momento de apreciarmos a bio-bibliografia do novo e honrado acadêmico o senhor professor e polígrafo.

OSÉ AMADO NASCIMENTO

Osé Amado Nascimento nasceu nesta simpática cidade de Aracaju, no dia 01 de agosto de 1917; nesta Capitalzinha àquele tempo modesta e pobre mas cheia de sonhos que começou a realizar com o advento do Governo Graccho Cardoso, de 24 de outubro de 1922 a 24 de outubro de 1926; nesta Capitalzinha que, como criança ainda engatinhando, bate palmas ao léo, no frêmito ininterrupto das palmeiras; nesta Aracaju cuja infância o Dr. Fernando Porto eximamente descreveu e o distinto compatriota Professor Sebrão, Sobrinho, circunstanciadamente historiou; nesta cidadezinha de então, do "Bar do Nery", colorido de garrafas de gostosos aperitivos e inescquecíveis "carurus"; nesta Capitalzinha onde o eficiente e simpático Professor Arthur Fortes, bem trajado, de flor à lapela e chapéu de palhinha de arroz, declamava, para os amigos, poemas italianos e franceses, depois de eloquente aula sobre a revolução libertadora da

França; nesta Aracaju, onde “Rei Menino”, vestida à escocesa, bradava aos quatro ventos, pelas ruas, que era senhora de todos os prédios oficiais, e que todos os aracajuanos eram seus vassallos; nesta Capitalzinha outrora calma e sonhadora dentro de sua boa-fé, longe de pensar na “botija” do petróleo ou no tesouro do salgema; nesta Capitalzinha embalada, noite a dentro, pelos encantadores acordes do violão de Zão de Cula, nas serestas onde o ponto alto eram as modinhas sentimentais e delicadas dos fins do século XIX; que Luiz Garcia e Godofredo Diniz atualizaram com úteis melhoramentos; nesta Aracaju de Sergipe del Rey, como, ainda hoje, sem pruridos subversíveis alguns a chamam; onde se renomaram Augusto Leite, o mestre da medicina cirúrgica, e Hunald Cardoso, o mestre do Direito; nesta Capital hoje formosa e rica, bamboleante de automóveis furtivos, de pontegudos seios de cimento armado, de perucas feitas da fibra do côco que não é da Bahia e de estilizados colares de ouro-negro; nesta progressiva sub-divisão administrativa do país, onde a jovem Universidade Federal já empolga pela alta capacidade de trabalho do seu Magnífico Reitor Dr. João Cardoso do Nascimento Junior e seus auxiliares imediatos; nesta Barbosópolis onde o velho engraxate Cabo Lino “bancava” o “piu” com um copo de vidro, rodeado de crianças chilreantes e sabidas, e que abria falência em pouco tempo, sem saber o motivo do desastre...; onde Luiz Garcia e Godofredo Diniz deixaram melhoramentos úteis à coletividade, e o saudoso Dr. Leonardo Gomes de Carvalho Leite, excelente e honesto advogado, nos dava aulas de Direito Civil, indiretamente, nas audiências e nos costumeiros encontros à rua de João Pessoa, como que suprimindo a Faculdade de Direito ainda increada e, atualmente, eficientemente dirigida pelo seu ilustre filho Dr. Olavo Ferreira Leite, e, como ótimo “causeur”, que o era, nos fornecia a crônica verbal do antigo movimento severinista na política baiana, a que emprestara sua pena de jornalista combatente e de escol; onde, em cujo morro de “Santo Antônio”, GARCIA ROSA exerceu, com tanto fulgor, o Principado da Poesia, no Estado, em substituição a HERMES FONTES, irmão gêmeo espiritual de SANTOS CHOCANO, um dos maiores bardos da língua castelhana pura;... HERMES FONTES que, segundo o escritor e diplomata peruano Enrique Bustamente y Ballivian, tinha valor incomum, ao ponto desse lamentar não se lhe divulgasse

a obra no Exterior, o que sempre dizia em palestras informais, nas rodas literárias do Rio de Janeiro, há longos anos; nestes “Cajueiros dos Papagaios”, a cuja sombra o nosso dileto amigo e companheiro **J. GARCIA MORENO**, doublé de literato e cientista, escreveu as suas melhores crônicas, de lançamento inolvidável; onde, no início do século, **FAUSTO CARDOSO** — o jequitibá da política de então — tombou sem vida, na praça pública, convencido do cívico princípio de que “a liberdade só se prepara na História com o cimento do tempo e o sangue dos homens”, e, onde, em suma, **Orlando Dantas**, o restaurador e consolidador da Imprensa, entre nós, foi o primeiro homem público sergipano, em memorável sessão da Assembléia Legislativa do Estado, na presença de Sua Excelência Reverendíssima Don Fernando Gomes dos Santos, a defender a tese de, ao homo economicus, a Igreja dever estender o apoio que oferece ao homo spirituali. Valeu a semente ideológica atirada no melhor terreno e, desde a gestão de Don José Vicente Távora até agora, na do Arcebispo Don Luciano José Cabral Duarte, não mais faltou ajuda ao trabalhador rural e zêlo por seus interesses.

O meu primeiro encontro com **OSÉ AMADO** que o é, também, de nascimento, por todos os que lhe conhecem de perto a humildade espiritual, data dos idos de 1935, quando, moços e velhos, muitos ainda tocado daquela chama de heroicidade, pura, demonstrada pela coragem e patriótica visão do então Tenente **JUAREZ TÁVORA**, em fins de 1930, afixaram ao braço, à ombreira ou à lapela, o símbolo do cálculo integral, como significação de unidade brasileira para uma Nova Ordem que neutralizaria ou amorteceria os efeitos da Ditadura de então. Mas, o Governo Federal, a tudo atento, e simulando adotar princípios do Movimento irrompido, getulianamente conseguiu apagar a nova pira ideológica. Dai por diante ninguém se preocupou com outra coisa, senão estudar e produzir no ramo profissional. A gente evitava encontros para não aumentar o trauma político e se esquivava a qualquer gesto de disciplina. **OSÉ AMADO NASCIMENTO**, dos primeiros na objetividade da nova vida, manteve-se, com afinco, nos estudos regulares, dentro da pobreza pública e notória que lhe veio do berço. Fizera o curso primário, em 1929, no Grupo Escolar “General Valadão”; o curso técnico, na “Escola Técnica de Comércio de Sergipe”, em 1934: diplo-

mou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Sergipe, em 1961; e fez o curso de orientação pedagógica do "SENAC", no Rio de Janeiro, em 1957. É ex-professor de Contabilidade Comercial na "Escola Técnica de Comércio de Sergipe", de 1949/1965; ex-professor de Contabilidade Geral no Curso de Ciências Econômicas dessa Faculdade, de 1962/1968; ex-professor de Análise e interpretação de Balanços, no Grupo de Aperfeiçoamento do "SENAC"; ex-professor de Literatura Brasileira, na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, em 1963; ex-professor de Literatura Portuguesa, na mesma Faculdade, ex-professor de Contabilidade Geral, no Curso de Ciências Contábeis da supra mencionada Faculdade de Ciências Econômicas; ex-professor de Instituições de Direito Social, no Curso de Ciências Contábeis da mesma Faculdade, em 1963; ex-Orientador Pedagógico da Administração Regional do "SENAC"; ex-Examinador de Lógica, no Concurso Vestibular da Faculdade de Direito de Sergipe, de 1965/1969; ex-professor de Direito Internacional Público, na referida Faculdade de Direito, em 1968; professor de Finanças e Direito Financeiro, na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Sergipe, desde 1966; ex-professor de Economia Política, na aludida Faculdade, em 1970; ex-auxiliar imediato de Governos e, atualmente, Juiz do Tribunal de Contas do Estado. Pertence o senhor Professor José Amado Nascimento às seguintes associações: — "Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe", "Associação Sergipana de Imprensa", "Secção Sergipana do Instituto Brasileiro de Filosofia", de que é Presidente; "Sindicato dos Contabilistas de Sergipe", "Conselho Regional de Contabilidade: Registro Técnico em Contabilidade"; "Ordem dos Advogados do Brasil" — "Seção de Sergipe) —; "Liga Universitária Católica": Arquidiocese de Aracaju; e "Associação Contábil Internacional de Contabilidade e Economia". Tomou parte em vários Congressos Técnicos, no sul do país, e em reuniões propriamente culturais; publicou vários ensaios sobre Direito, Filosofia, Sociologia e Educação, e continua colaborando em revistas e jornais. Já foi laureado em quase uma dezena de concursos, inclusive desta própria Academia — "Prêmio de Erudição" — 1942.

O senhor Professor JOSÉ AMADO NASCIMENTO não é, apenas, como à primeira vista parece, talvez, o nosso maior técnico em vários ramos intelectuais mas também poeta dos melhores que hão

florido em Sergipe, sem prejuízo do alto relêvo que lhe dão o exercício do Magistério e a projeção como conferencista, jornalista e juiz. É exemplo dignificante de trabalho e estudo à Mocidade da terra-berço. Alia a tais qualidades a de bom pai de família, amigo dos seus amigos e tolerante para com os estranhos, identificando-se como o homem integral que, desde a adolescência, desejou ser. No que tange à poética, na qual corre parselhas com os mais aprimorados do seu tempo, adota a escola simbolista, com versos livres e brancos, liderada até 1936, pelo poeta francês **Gustave Khan**.

Assim, seletos e paciente auditório, deixai que eu vos incomode por mais alguns minutos, levando-vos aos tímpanos e ao coração, já possivelmente exaustos de tanto ouvir e sentir, duas amostras, apenas, dos poemas sérios, porque construtivos, do eminente confrade que nesta inesquecível noite se immortaliza. Ei-las:

“O Abridor de Caminhos

Vinde a mim, caminheiros da vida!
Eu sou o abridor de caminhos.

Vós, que não vêdes nada no Futuro
e atravessais em brumas o Presente
sob o pêso esmagador de um Passado vizinho.

Vós, que titubeais quanto ao Destino
e claudicais, a olhos vistos, cada passo,
e tropeçais logo ao início da marcha.

Vinde a mim, confiantes e amigos,
que eu sou o abridor de caminhos
e quero ser indiferente a mim mesmo
para que os outros encontrem o seu próprio roteiro!

Confiai, que eu vos conduzirei mansamente.
Confiai, que eu vos conduzirei de tal modo
como se fôsses vós mesmos os tiradores da marcha,
os sapadores do caminho,

os que se desviam dos galhos atravessados,
os que afastam os perigos imprevistos,
os que distinguem com nitidez os desvios e atalhos.

Confiai, e vos levarei sem que o percebais.
Como se não estivesse presente
senão na lembrança do nosso primeiro encontro na
[vida.

Confiai, que eu respeitarei a vossa Liberdade
e serei como a vossa própria sombra
a indicar obscura a posição do Sol.”

Belos versos apostolares, conclamantes à luta pela vida, pelo alevantamento espiritual dos homens de todos os países e de todas as raças.

Passemos, agora, à outra amostra do simbólico porém não hermético poetar do digno substituto de GILBERTO AMADO nesta instituição que euforicamente o recebe e aplaude:

“Vamos salvar a Estrêla

A estrêla brilhou no lago,
mergulhou e desapareceu.
Eu tive um grande estremêço
e fiquei quase sem fala
quando as águas se fecharam sobre a estrêla.

A estrêla brilhou no lago,
no meu momento mais triste.
Luziu com tanto esplendor,
Luziu com fulgor estranho
que os olhos todos do mundo
se debruçaram no lago.

Depois, a estrêla apagou-se.
Para onde foi aquela estrêla?
Quem soprou a chama da estrêla?

Ó escafandristas de todas as latitudes!
Ó marinheiros de todos os sete mares!
Uma estrêla afogou-se nas águas fundas do lago.

Ó homens satisfeitos no corpo
e indiferentes no Espírito!
Não ouvis os gritos que acordam o sono da noite?
Não escutais os brados de terror que ferem as águas?
Uma estrêla afogou-se no lago!

Que claridade tão alva sobre a superficie imóvel!
Todos os navios sem porto acertariam o seu destino.
Todas as caravanas perdidas encontrariam o seu
[norte.
Todos os homens sem esperança se renovariam na
[luz
da estrêla que brilhou na face do lago.

Há estertôres de morte.
Há gritos de socorro.
Há clamores de desespêro,
agitando o seio líquido que envolveu a estrêla.

É preciso salvar a estrêla que está morrendo
[afogada.
É preciso dissipar as trevas,
tirando a estrêla de dentro das águas turvas.

Vamos todos fazer essa obra de caridade,
libertando a estrêla
da escravidão das águas impassíveis e frias.

Eu quero ver, de novo, a estrêla
brilhar no mundo.
Que apareça um homem disposto
a esgotar as águas do lago.
Que apareça um homem sem mancha
e ele salvará a estrêla que se afoga.”

Essa poesia também é bonita, mas de maior profundezza simbólica do que a anterior. Reflete o fôro íntimo do poeta que, talvez por motivos nacionalistas, quis aludir à periclitacão do Brasil em época remota, e está datada de 12 de agosto de 1947.

Razão de sobra tem o consagrado confrade **Menotti del Picchia** quando, há meses, em carta que me escreveu de São Paulo, relativamente ao meu último trabalho, que é a tradução, para a língua francesa, do belo soneto “Ocaso no Mar”, de Arthur de Salles, assim se expressou:

— “Poesia não tem modas nem escolas. “Poesia é ouro” — disse o autor de “O Deus sem rosto” — ... não importa a forma ou fôrma, não importa o lugar, não importa se jôvem é o ourives ou velho o garimpeiro... O que vale é a imaculada essência.”

Se o saudoso e ótimo crítico literário Carlos Chiacchio ainda fisicamente se achasse neste mundo, ao certo diria do autor de “O Abridor de Caminhos” as mesmas palavras com que me estimulou quando do seu pronunciamento sobre o meu livro de estréia — “Archores” —, na “A Tarde”, de Salvador, no ano de 1933: — “É um poeta com tendências a pensador, um emotivo com brilhaturas de reflexivo”.

Os opúsculos de José Amado Nascimento, intitulados “Sermões”, “Minha Cidade” e “Rapsódia de Aracaju” (poemas); “Vereadas do Grande Sertão”, “Fenômeno Jurídico”, “Importância da Contabilidade”, “Independência Econômica do Brasil”, “Educação e Sociologia”, “É o Homem Pessoa Internacional” e “Análise Metafísica do Dever Ser” (ensaios), se materialmente são opúsculos, na substância volumosos são, porque expõem, com precisão e bom estilo, os assuntos

neles contidos. É o caso de se lhes aplicar o velho brocardo parisiense: — “Nos menores frascos, os melhores perfumes”.

Não sei de nós, senhores acadêmicos, quem tenha subido as imortalizadoras escadarias desta Augusta Casa, com tamanho acervo de obras, embora pequenas no formato, e trazendo ao bolso tantos títulos de funções exercidas e outras tantas exercendas.

Como vistes, meus senhores e minhas senhoras, variam, a cada passo, os dotes intelectuais do novo integrante dêste sodalício, mas eu, que me reconheço, apenas, um inveterado pesquisador, de paciência chinesa, descobri, nesse néo-imortal, a prova psicológica do seu imenso amor ao Magistério, encontrando, em vários escritos (crônicas e críticas publicadas em jornais já desaparecidos), o seu pseudônimo: — “ARISTARCO” — Aristarco Nascimento). Aristarco foi, como o sabeis, a figura central da obra-prima de Raul Pompeia: “O ATHENEU”, o famoso estabelecimento de ensino em que tantas gerações foram “conhecer o mundo”, e era professor, como o foi, anteriormente ao advento do Cristianismo, na Grecia, o Aristarco nascido na ilha de Samotrácia e que lecionou aos filhos de Ptolomeu. Ora, o uso desse pseudônimo histórico, por assim dizer, por parte de José Amado Nascimento, antecipou-se-lhe ao exercício da profissão de professor, que já lhe era subliminar e se lhe arrumara no subconsciente. Assim, a idéia fixa, silenciosa e sadia, proporcionou-lhe o encontro com a função que tanto honra. Resultado: — “The right man in the right place”.

* * *

Senhor Professor José Amado Nascimento:

O romance puro de vossa vida supre, à saciedade, aquele que faríeis, se o quisésseis. Perdoai, se me não foi possível fazer um discurso de recepção e saudação à altura dos vossos méritos. Bem merecíeis que a minha fala tivesse o fulgor daquela com que, na Academia Brasileira de Letras, o sábio e dinâmico **MINISTRO IVAN LINS** saudou ao renomado Professor **MINISTRO HERMES LIMA**. É que a Natureza não usa distribuir com todos o mesmo gráu de sabedoria e eloquência.

E, agora, ajeitando à frente a coroa imaterial dos vossos louros meritórios, vinde sentar na Cadeira n.º 6, que Gumersindo de Araujo Bessa, insigne e eterno, patrocina; que **GILBERTO AMADO**, tão enal-

tecido até mesmo no Velho Mundo, fundou, e que ides redoirar com as vossas excepcionais virtudes, immortalizado na memória dos homens, e, no bronze da História, segurando, firmemente, com a destra, o Evangelho de Cristo, em que vos amparais.

Sêde bem-vindo, senhor Professor **José Amado Nascimento**, ao suave convívio dos vossos pares, que ansiosamente vos esperam de braços abertos, na presença da mais alta instituição cultural do País — a Academia Brasileira de Letras — de que é mandatário, nesta solenidade consagradora, um dos seus maiores luminares: o notável escritor **Aurélio Buarque de Hollanda**.

NOTA: A ortografia dêste discurso é contemporanea à época em que ele foi feito.